

APAV[®]



associação portuguesa de

Apoio à Vítima

Recortes de Imprensa

Outubro 2016



Apoio:





APAV E PGR celebraram Protocolo de Colaboração

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) e a Procuradoria-Geral da República (PGR) celebraram em 22/9/2016 um Protocolo de Colaboração que tem por objetivo enquadrar e aprofundar a cooperação institucional entre a APAV e a PGR no âmbito dos direitos, proteção e apoio às vítimas de crime.

A cerimónia terá contado com a presença da procuradora-geral da República, Joana Marques Vidal, e do presidente da APAV, João Lázaro. ■



SOCIEDADE

Apelo a universitários: “Violência no namoro não é para ti”

Campanha do Governo com federações académicas quer ajudar jovens a definir barreiras e a perceber actos de violência. É um problema “muito grave” entre os universitários, diz a APAV

Prevenção
Mariana Correia Pinto

Breves silêncios, olhares constrangidos e expressões de surpresa. A secretária de Estado para a Cidadania e Igualdade, Catarina Marcelino, gravou as reacções de alguns representantes de federações académicas de todo o país como parte do diagnóstico. Nos últimos meses, enquanto discutiam juntos uma nova campanha contra a violência no namoro entre universitários, os jovens não tinham dúvidas em reconhecer o abuso sexual e as agressões físicas como violência. Mas alguns franziam o sobrolho ao ouvir falar do controlo do telemóvel ou das redes sociais, da vigilância da roupa, da moderação do relacionamento com os amigos, dos ciúmes excessivos. A nova campanha nacional lançada hoje, em Guimarães, faz da “percepção do que são actos de violência” uma “prioridade”, refere a governante. Até ao fim do ano lectivo, o tema vai andar nas universidades de todo o país.

É uma espécie de segredo público nas academias. Toda a gente sabe que existe, mas ninguém fala sobre isso. O presidente da Federação Académica do Porto, Daniel Freitas, entende bem a distância entre a “percepção baixíssima” da violência no namoro nos universitários e a realidade: “Não conheço casos, não nos são denunciados, mas todos os dados nos dizem que o problema existe.” E é “muito grave”, completa Daniel Cotrim, psicólogo e assessor técnico da direcção da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV). “Os estudos indicam que a violência no namoro no meio universitário tem índices altíssimos e denúncias muito baixas. O número de jovens violados também é muito alto e esses casos não são denunciados.”

Um estudo da União de Mulheres Alternativa e Resposta divulgado no início do ano fez soar alarmes

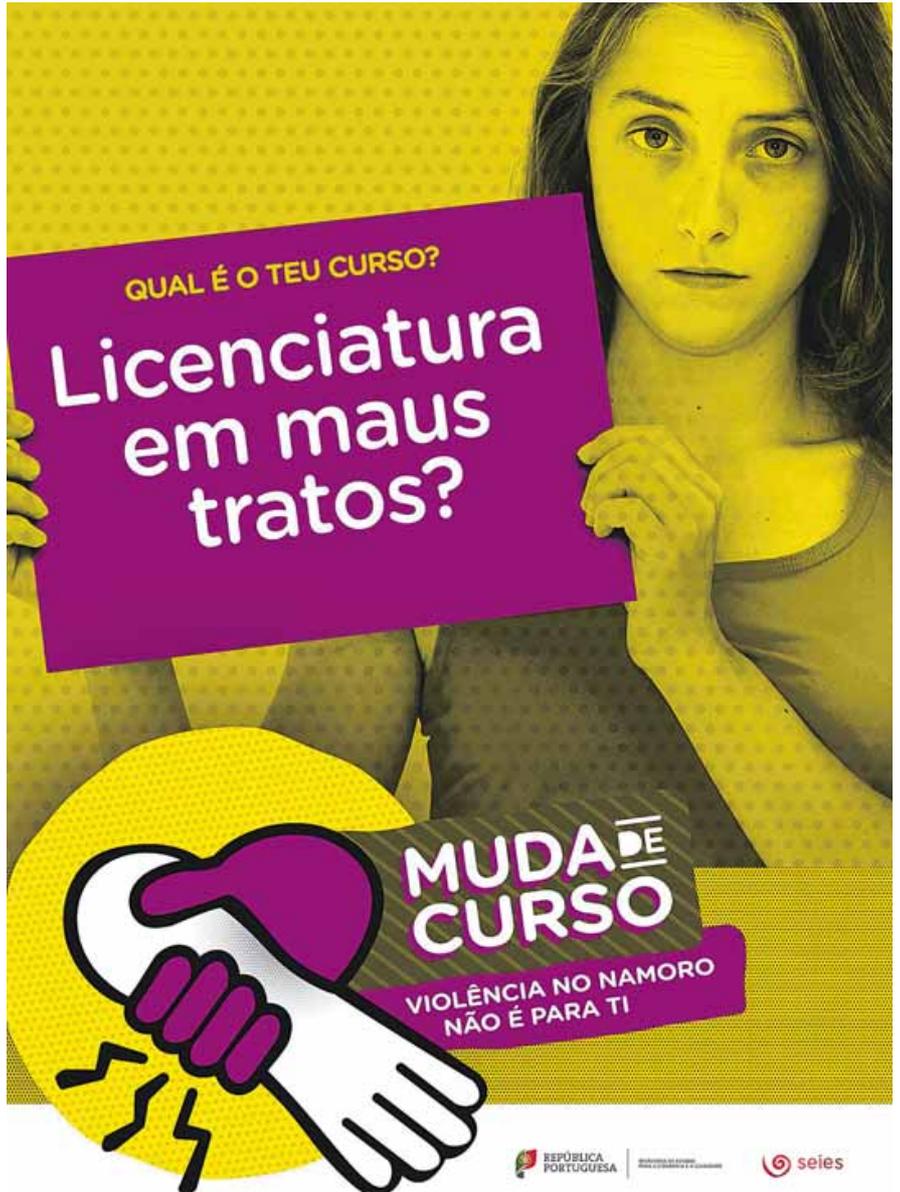
na equipa de Catarina Marcelino. Entre os 2500 jovens (entre os 12 e os 18 anos) inquiridos, quase um quarto (22%) considerava “normal” a violência no namoro. Em 2015 chegaram ao Instituto de Medicina Legal 699 casos de violência no namoro, um aumento de 44% face ao ano anterior – e isso, sabe-se, é só uma parte do problema. Muitas vítimas nunca chegam a fazer queixa.

Os dados “são impressionantes”, diz, “mas não surpreendentes”. A dimensão da violência doméstica e de género em Portugal é ela própria uma prova dos factos. Os agressores têm uma idade média de 40 anos – mas não foi aos 40 anos que se tornaram agressores. Algo falhou. “São pessoas que nasceram e cresceram em democracia, andaram na escola no sistema democrático. Faz-nos pensar se, enquanto sociedade, estamos a fazer o suficiente. Não estamos.”

Envolver jovens na mudança

Em busca do sucesso na nova campanha, a socialista delineou um plano que passou por “implicar os jovens na mudança”. Quis saber como se pensa aos 20 anos para comunicar com quem tem 20 anos. Os cartazes querem levar o *slogan* à exaustão: “Muda de curso: violência no namoro não é para ti.” Para usar ao peito – e gravar a mensagem –, haverá crachás com o lema gravado. Um vídeo que quer ser viral. E vários momentos de “campanha pública” pensados para os próximos meses. Além disso, as universidades “vão ter autonomia para organizar eventos”. Palavra a Daniel Freitas: o grande desafio passa por mostrar que, estando associada a comportamentos como agressão física, a violência “está presente em muitos outros”, sobretudo “numa época deterministicamente digital. Invadir o espaço privado, o telemóvel ou o *email* não são comportamentos aceitáveis.”

O perfil das vítimas e dos agressores é difícil de traçar. Sabe-se que, entre os mais jovens, a violência “é



Slogan “Muda de curso: violência no namoro não é para ti”, chegará em vários cartazes



Campanha faz da “percepção do que são actos de violência” uma prioridade

Catarina Marcelino
Secretária de Estado para a Cidadania e Igualdade



O alarme soa cada vez mais cedo

Viviam numa “união de facto em horário de expediente”. Eram namorados, colegas de turma e na maior parte dos dias tinham aulas só de manhã. As tardes, passavam em casa dele. Sozinhos. Tinham relações sexuais, quando queriam os dois e quando queria só ele. Ela, com 13 anos, não conseguia dizer não. Fazia a limpeza da casa, da roupa, adiantava o jantar. Era espancada. Os pais dele consideravam-na uma “namorada fantástica”. Não imaginavam a violência entre as quatro paredes. À noite, quando chegava a casa, a rapariga fechava-se no quarto. Como era adolescente, os pais não estranhavam. Tinha relações sexuais virtuais com o namorado. Ela despiu-se, tocava-se. Ele filmava, sem ela saber. Um dia, as agressões deixaram marcas. Mas quando a rapariga disse basta, o rapaz chantageou-a com os vídeos. Na manhã seguinte, as imagens circulavam pela escola. Ao chegar a casa, o pai deu-lhe uma “sova imensa”. Tinha encontrado a filha em sites de pornografia. Sem saída, abriu o jogo com os pais. Fez queixa. Mudou de escola e de casa. Ele, aluno exemplar e com bom meio familiar, foi perdoado, ainda que a violência no namoro seja crime público. Daniel Cotrim, da APAV, costuma contar a história em palestras em escolas. Da plateia raramente lhe chegam reacções de surpresa. “Não acham anormal”, conta. “No final, alguns vêm dizer-me que aquela é também a história deles.” Convencê-los a denunciar é mais difícil. “Acham que vai passar, têm medo de serem discriminados.” Para os pais, diz o psicólogo, o alerta vem em letras garrafais: ter uma relação próxima com os filhos e uma comunicação aberta é fundamental.

muito transversal”, sublinha o psicólogo. Entre as raparigas ainda há mais vítimas do que agressoras, mas a balança está cada vez mais equilibrada, atingindo os rapazes “quase na mesma proporção”.

A par da campanha para os universitários, está a ser delineada uma “estratégia nacional de educação para a cidadania” com o Ministério da Educação. A ideia é dar mais competências às escolas logo a partir do 1.º ciclo e até ao secundário. Actuar cada vez mais cedo – porque os relatos de violência chegam também cada vez mais cedo (ver caixa ao lado). “Nos últimos anos houve um retrocesso nessa matéria, com o fim dos tempos lectivos para as áreas de projectos nas escolas”, lamenta Catarina Marcelino. Do grupo de trabalho formado para debater este assunto deverá sair uma estratégia para pôr no terreno já no próximo ano lectivo.

É uma mudança urgente. Para o psicólogo Daniel Cotrim, a intervenção devia começar “quando as crianças entram no jardim-de-infância [pelos] três anos”. É assim em países como a Austrália e o Canadá, com resultados inspiradores. “Parte do currículo relacionado com a cidadania é feito com as famílias e complementado pelas escolas. Isto cria sociedades activas”, diz. É olhar para a campanha feita em Portugal com a reciclagem e readaptar a fórmula. “Hoje toda a gente recicla porque os filhos ensinaram os pais. Se fomos capazes disso nesse campo, também somos na violência.”

mariana.pinto@publico.pt

➔ Ver mais em p3.publico.pt

Violou-a mas continua a poder vê-la para ir buscar os filhos

Ana Henriques

Um tribunal da comarca de Lisboa condenou, em Junho passado, um homem a pena suspensa, por violência doméstica e violação da antiga companheira, com quem tinha dois filhos. Pormenor: alegando não querer privar as crianças do contacto com o pai, o tribunal recusou-se a proibir os contactos do progenitor com a mulher que forçou a ter sexo já depois de a relação terminar – uma medida que havia sido requerida pelo Ministério Público para proteger a vítima, a quem resta agora tentar que o tribunal de família e menores providencie para que a entrega semanal ou quinzenal das crianças seja feita por interposta pessoa, ou então através de uma associação com experiência neste tipo de problemas.

O caso é ilustrativo de como as instituições que lidam com o fenómeno da violência doméstica nem sempre estão habilitadas a tomar as decisões que melhor se adequam a cada caso. A situação agrava-se quando estamos a falar idosos, deficientes – físicos ou mentais – ou emigrantes, revela uma investigação (divulgada no final da semana passada) feita em vários países e que em Portugal foi conduzida pelo Centro de Estudos para a Intervenção Social.

Embora os resultados do projecto dedicado às vítimas com necessidades especiais de protecção, que é financiado pelo programa Daphne da União Europeia, ainda não sejam conhecidos na totalidade, o centro avançou algumas conclusões. Os casos das pessoas que dependem dos cuidados que lhes presta o agressor são considerados muito problemáticos: “São escassas as soluções alternativas que tornem possível permanecer em sua casa dispondo do apoio adequado. A aplicação de medidas de coacção [aos agressores] nestes casos deveria estar ligada à promoção de respostas sólidas a nível social, o que se reveste de grande dificuldade

22

é o número de mulheres que terão sido assassinadas desde o início do ano até agora, vítimas de violência doméstica. A partir das notícias, o Observatório de Mulheres Assassinadas contabilizou 20 mortes até Agosto, mas entretanto surgiram mais dois casos

51

anos ou mais: a maioria das vítimas mortais tinha acima desta idade, e nove delas foram de 65 anos. Em 15% dos casos o homicida não aceitava a separação

35%

dos chamados “femicídios” ocorridos desde Janeiro foram praticados com recurso a armas de fogo, enquanto em 20% dos casos foram usadas armas brancas

85%

das mulheres foram assassinadas em suas casas. Até 31 de Agosto de 2016 foram 20 os filhos que ficaram sem mãe devido a homicídios desencadeados em contexto de violência doméstica

quando não há familiares disponíveis para substituir a pessoa que anteriormente prestava os cuidados e se está perante escassez de recursos.” A falta de meios e a teia burocrática que impedem o apoio atempado são consideradas lacunas graves.

“As casas-abrigo nem sempre recebem pessoas com doenças mentais, ou muito idosas. E não há vagas nem prestação de cuidados de saúde imediatas nas instituições de saúde mental”, confirma a magistrada que coordena a unidade dedicada a estes crimes no Departamento de Investigação e Acção Penal de Lisboa (DIAP), Fernanda Alves. A mesma responsável defende a necessidade de as instituições funcionarem em rede, em vez de o fazerem de costas voltadas umas para as outras. Quando um juiz toma uma decisão baseada num relatório feito por técnicos da Segurança Social, pode não estar a levar em conta a questão do risco associada à violência doméstica, uma vez que aquele documento não é elaborado por especialistas no fenómeno, assinala.

O Centro de Estudos para a Intervenção Social chama a atenção para o facto de serem ainda insuficientes, em Portugal, as medidas que impõem ao agressor que se afaste da vítima, apesar de a sua aplicação ter vindo a aumentar. Segundo dados do DIAP referentes à cidade de Lisboa, de entre os mais de mil casos deste tipo investigados no último ano só a 14 foi aplicada prisão preventiva, a que acrescem 42 proibições de contactos com a vítima. Entre Setembro do ano passado e Agosto deste ano o DIAP viu serem arquivados 1442 processos. Com acusação seguiram para tribunal apenas 298. A polícia pode deter temporariamente um suspeito de agressões mesmo sem autorização de um magistrado, ainda que não o apanhe em flagrante delicto. Quando os agentes não presenciaram o ataque à vítima, porém, é raro fazerem-no, admite Fernanda Alves.

ana.henriques@publico.pt



APAV promove linha de apoio à vítima

116 006. É este o número gratuito de apoio à vítima disponibilizado pela APAV que pretende encaminhar a vítima num primeiro contacto

LUÍS PEDRO SILVA
lsilva@acorianooriental.pt

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) apresenta uma nova campanha com o objetivo de promover a linha de apoio à vítima desta organização - 116 006 (chamada gratuita).

A linha de apoio à vítima corresponde ao número de apoio à vítima europeu e é um serviço de atendimento telefónico, gratuito e confidencial, adequado às necessidades de cada vítima de crime e/ou violência, trabalha numa rede de parcerias com as entidades judiciais e policiais, possibilitando um encaminhamento rápido do caso da vítima para as entidades competentes.

A linha funciona nos dias úteis, entre as 9h30 e 17h30 (com interrupção entre as 12h00 e 13h00), sendo as chamadas telefónicas dirigidas para as instalações da APAV em Ponta Delgada.

Esta linha recebe, essencialmente, queixas de pessoas que são vítimas de violência doméstica, violência sexual ou violência contra idosos.

As pessoas recebem o apoio e

aconselhamento necessário para conseguir lidar e superar as consequências de terem sido vítimas de crime ou violência.

Para divulgar esta linha de atendimento ao público, a APAV vai desenvolver uma campanha de divulgação no concelho da Lagoa, que servirá para a comunidade local saber da disponibilidade deste serviço de apoio gratuito para todas as vítimas de crimes ou violência.

Esta campanha surge na sequência de outras iniciativas desenvolvidas pela APAV, nomeadamente o sistema de referência de vítimas de crime, estabelecido com a Esquadra da PSP de Lagoa, que consiste no encaminhamento para o Gabinete de Apoio à Vítima de Ponta Delgada das vítimas de crime que necessitem de apoio social, psicológico e/ou jurídico.

No âmbito desta campanha, a APAV Açores pretende realizar no concelho de Lagoa ações de sensibilização/informação sobre várias temáticas relacionadas com o crime e a violência.

A campanha da Linha de Apoio à Vítima da APAV parte do mote "A violência esconde-se no silêncio", foi desenvolvida criativamente pela agência HUMAN Lisboa e será disseminada na Região Autónoma dos Açores através de um spot de TV e Rádio, cartazes e múpis. "Porque o crime e a violência não podem ser silenciados, quem é vítima tem o apoio da APAV", refere a campanha. ♦

AO - PAULO FAUSTINO



Linha de apoio funciona nas instalações da APAV em Ponta Delgada

Kim Sawyer, embaixatriz dos EUA

“Violência doméstica é um crime inaceitável”

A embaixatriz dos EUA, Kim Sawyer, tem vindo a alertar para o problema da violência doméstica em Portugal. A noção de que “o que acontece em casa, fica em casa”, torna a questão mais difícil de resolver.

Fala Muito n responsabilidade social das empresas, mas a verdade é que em Portugal, por exemplo, as mulheres continuam a ter salários mais baixos que os dos homens. tem conhecimento deste problema?

Os salários, para o mesmo trabalho, são mais baixos em 20% para as mulheres do que para os homens. Eu acredito muito na mudança pela igualdade e acho que isso tem de ser alterado nas empresas; igualar as tabelas salariais e fazer com que as mulheres sejam promovidas ao mesmo ritmo que os homens é a coisa certa a fazer.

Acho, de resto, que muitas pessoas não se preocupam tanto com a coisa certa a fazer até que lhes mostremos o que acontece nos negócios: as empresas têm uma melhor performance quando têm diversidade. Quando também há mulheres em cargos de liderança as empresas recuperam mais rapidamente de desacelerações económicas, são mais lucrativas... É faz sentido ter mulheres nestes lugares porque 80% dos compradores de produtos e de serviços são mulheres. Ter uma liderança diversa conduz a experiências, perspetivas e habilidades diferentes na forma como se gere um negócio e isso é essencial para competir numa economia global. Temos de educar as pessoas sobre esses casos e é isso que vai começar a alterar as coisas.

Está a trabalhar noutra matéria que afeta sobretudo As Mulheres e As crianças – A violência doméstica, o que é que tem vindo a fazer e qual é a sua leitura sobre este problema em Portugal?

Começo por sublinhar que a violência doméstica é o problema que existe em todo mundo, incluindo nos EUA.

Acho que em Portugal é um problema maior porque, apesar do facto de ser um crime público, culturalmente, o que acontece em casa fica em casa.

Isso faz com que seja uma situação mais complicada aqui. As vítimas de violência doméstica sentem-se envergonhadas, sentem muitas coisas que não querem revelar. E o pior é que as crianças que crescem nesses ambientes pensam que não há problema algum e, por isso, tomam-se vítimas ou agressores. Para além disso, muitas vezes, as vítimas de violência doméstica têm de escolher entre cuidar de si próprias e dos seus filhos ou ficar numa relação abusiva. Devido à falta de sustento financeiro, elas acabam por ficar nessas relações. Por isso, uma das coisas muito importantes, e aquilo que estamos a tentar fazer no “Connect to success”, é ajudar as mulheres a alcançarem a autossuficiência financeira. No que diz respeito aquilo que temos estado a fazer: eu só estou cá alguns dias, entre cinco a dez dias por mês e sempre foi muito importante para mim que enquanto cá estivesse pudesse utilizar o meu tempo da melhor forma para poder retribuir esta grande oportunidade. Foi por isso que comecei o “Connect to success”, que é aquilo que melhor sei fazer. Mas sempre que eu voltava via qualquer coisa nos jornais sobre mortes de mulheres. Tenho, também, um motorista que estava sempre a levantar essa questão, que me dizia que este era um problema terrível em Portugal.

Ele é português e contava-me muitas histórias para além daquelas que apareciam no jornal. Apesar de ter votado o meu tempo e a minha dedicação ao “Connect to success”, uma das coisas que queria ter a certeza a que me dedicava antes de me ir embora era a essa questão. Mas o ponto de viragem foi num dos convívios que promovi entre as mulheres portuguesas do staff da embaixada, há cerca de um ano. Também compreendi que estava a trazer uma perspetiva americana sobre a forma como eu achava que poderia ajudar

– eu não vivo aqui, eu não interajo muito com as mulheres da embaixada porque não estou cá. Por isso, queria perceber quais eram os seus maiores problemas. Neste grupo de cerca de 40 mulheres da embaixada a questão da violência doméstica acabou por ser abordada e uma delas admitiu perante toda a gente que era uma vítima e nunca o tinha dito a ninguém. Ela estava a chorar e disse que gostava de ter tido uma oportunidade daquelas antes, onde pudesse falar, para ter força e apoio para deixar aquela relação.

Quando ouvi todos esses testemunhos ficou muito claro que era preciso fazer alguma coisa. Mas eu acredito que é preciso começar em casa; para mim era óbvio que as mulheres da embaixada tinham problemas, e que se esta mulher tinha falado sobre isto, haveria muitas outras pessoas naquela sala – e foi óbvio, ao reparar nas expressões daquelas mulheres – estariam na mesma situação ou teriam passado por experiências semelhantes. A primeira coisa que fiz foi trazer a APAV, que é a maior organização de apoio às vítimas, não só de violência doméstica, mas também de outros crimes. Queria trazer a APAV à embaixada para falar com as pessoas e explicar-lhes algumas coisas sobre violência doméstica, nomeadamente o facto de que pode acontecer contra crianças, homens, idosos, para além das mulheres; que a violência doméstica nunca é aceitável; explicar os recursos disponíveis às vítimas; e fazer referência ao facto de que o problema atinge todas as classes sociais e económicas. Depois desta reunião, três pessoas vieram ter comigo para me contarem que tinham sido vítimas, ou que as suas mães tinham sido vítimas de abuso e que gostariam de ter sabido antes do trabalho de organizações como a APAV. Mesmo o staff americano que lá estava nos disse que nunca tinha estado numa embaixada que tivesse promovido uma discussão como aquela. Esse foi o primeiro passo. Depois a embaixada começou a distribuir informação, por email, sobre diferentes serviços, sobre ofertas da APAV e diferentes formas de detetar abusos. Pedimos às pessoas para espalhar a informação. Para mim, o mais importante era difundir a mensagem de que a violência doméstica é um crime público e é inaceitável.

Comecei a pensar na melhor forma de fazê-lo e percebi, ao mesmo tempo, que não havia muito financiamento disponível para organizações como a APAV. Por isso fizemos um jantar, há cerca de três semanas, e conseguimos angariar 30 mil euros, o que foi ótimo. Mas igualmente importante foi podermos contar com a imprensa que fez a cobertura do evento – os media fazem uma diferença enorme

na consciencialização sobre os problemas sociais. Depois disso escrevi também um artigo sobre violência doméstica e desde essa altura que tenho vindo a falar sobre o problema, muito, também, sobre o papel que os media podem ter na exposição de males sociais e em não deixar as pessoas esconderem coisas que querem esconder. Falei sobre violência doméstica, assim como de género e igualdade, porque esse é outro tema que pode ser abordado pela comunicação social, que pode desfazer estereótipos. Também falei no “American Club” e ficou muito claro que ainda existem algumas crenças, até por parte das mulheres, de que as mulheres que importunam os seus maridos se calhar merecem que se lhes batam. Tive oportunidade para explicar, nessa altura, que a violência doméstica nunca é aceitável, que nunca é aceitável bater noutra pessoa.

Por que é importante, para si, promover estas discussões? E por que motivo tem as mulheres no centro das suas preocupações?

É algo com que me posso relacionar, porque foi algo que experienciei, sobretudo quando era mais nova. É algo que sei que existe e é algo que está a afetar metade da nossa sociedade, não só em Portugal ou nos EUA, mas no mundo todo. É um grande problema, mas nunca deixei que tivesse impacto no meu sucesso. É muito importante que tentemos resolver o problema e, ao mesmo tempo, impedirmos as mulheres de usarem essa desculpa para deixarem algo por fazer. Não podemos dizer: “sou mulher e não se espera que as mulheres façam isso...”. Eu nunca tive filhos e só casei aos 40. Nunca tive um papel tradicional ou fiz aquilo que era esperado de mim enquanto mulher. Desde ser uma mulher de negócios, até ser embaixatriz, até estar casada com o meu marido... Eu vivi em Boston muito mais tempo que o meu marido – ele vivia nos subúrbios – e quando vamos jantar as reservas são feitas no meu nome, eles chamam-no “Mr. Sawyer”.

Eu tenho mesas especiais nos restaurantes, porque não há muitas mulheres que vão jantar com clientes ou sozinhas...

Foi difícil assumir esse estilo de vida diferente?

Os meus pais sempre me compreenderam e apoiaram muito, mas mesmo estando muito orgulhosos porque tudo o que fiz, sempre me disseram “não vais ter um filho e vais perder essa oportunidade”.

Estava sempre a ouvir isso; há uma expectativa sobre o que é suposto fazermos nas nossas vidas. Há uma história que é o exemplo perfeito disto: eu es-



Kim Sawyer diz que mulheres não podem invocar a sua condição para deixarem algo por fazer e não atingirem os seus objetivos

tava numa relação e o homem com quem eu estava ofereceu-se para me oferecer um casaco de peles. Eu sabia que ia acabar aquele relacionamento e não aceitei o casaco. Nessa altura, não estava a fazer muito dinheiro, era advogada, mas estava a trabalhar para o governo.

Quando acabei essa relação arranji outro trabalho, muito mais bem pago, e decidi que ia recompensar-me com um casaco de peles. Quando fui pagá-lo perguntaram-me quais eram as minhas iniciais para que pudessem pôr um monograma no casaco. Perguntei se tinha que colocar as minhas iniciais e eles disseram-me que não. Perguntaram-me novamente que iniciais é que eu queria pôr no casaco e eu disse que não queria escrever iniciais, queria escrever “autossuficiente”. Foi o que eles colocaram. Eu era jovem, na casa dos 20, ia com as minhas amigas para um bar e havia sempre quem me abordasse e que me perguntasse “quem é que te comprou esse casaco?”. E eu mostrava-lhes o que estava escrito no casaco. Anos depois, comprei o meu primeiro apartamento. Estava no elevador e entrou um homem que olhou para mim e disse “tu és a autossuficiente!”.

Eu olhei para ele e disse “também comprou aqui um apartamento?” e ele respondeu “não, estou a arrendar...”.

Cá estão os estereótipos: os homens compram presentes caros às mulheres, porque elas não podem comprar para elas próprias, até fazer qualquer coisa fora da caixa como escrever “autossuficiente” num casaco; os homens acharem que se uma mulher tem presentes bonitos é porque devem ter sido comprados por outra pessoa, ou eu própria assumir que se aquele homem estava a viver no meu edifício é porque ele tinha comprado uma casa!

Acho que algumas vezes foi difícil, mas foi sempre bom, porque sempre senti que tinha a capacidade de fazer escolhas em tudo: desde um casamento, a um trabalho, a um carro... O Bob [Robert Sherman] não poderia ter sido embaixador enquanto estivéssemos casados se eu não tivesse feito as escolhas que me permitem ser autossuficiente.

Nós pagamos as minhas viagens para cá, por exemplo, e a única razão pela qual podemos fazer isso tem que ver com as escolhas que eu fiz. E não há nada que me faça mais feliz do que estar aqui. Sei que para o Bob é igual.



ROBERT A. SHERMAN E KIM SAWYER: A PAIXÃO POR

Muito antes de Robert A. Sherman conhecer Portugal, já o nosso país fazia parte da sua vida. Nascido em Boston, cresceu numa zona do Estado americano do Massachusetts onde havia uma forte presença da comunidade portuguesa. Sendo também

ele filho de imigrantes – os pais nasceram na Ucrânia – sentiu-se identificado com os fortes valores familiares e de tolerância que reconhecia nos portugueses com quem foi convivendo ao longo da sua infância. Por isso, não teve grandes dúvidas quando o

presidente Barack Obama lhe perguntou qual seria a sua primeira escolha para se estrear como embaixador. “Este país é fantástico. Não só pelas paisagens maravilhosas, pelo bom tempo e pelas excelentes praias, mas sobretudo pelo povo português. Os portugueses têm



PORTUGAL E A VONTADE DE FAZER A DIFERENÇA

um coração gigante. Desde que chegámos que nos acolheram nos seus corações. Portanto, há uma grande parte de Portugal que está impressa na nossa alma. Portugal faz parte de nós e é por isso que, mesmo depois de terminarmos o nosso trabalho como embaixador e embaixatriz,

o mais provável é que nos continuem a ver por aqui”, assume, sorridente, o antigo advogado, que nos recebeu na sua residência oficial.

Robert, de 62 anos, conta com o apoio incondicional da mulher, Kim Sawyer, de 50. Casados há dez anos, encaram a vida e

O embaixador dos EUA e a embaixatriz fazem questão de frisar a sorte que sentem por poder exercer as suas funções num país como Portugal e numa casa como esta. Com eles vive a “ambassador” Zoe.



Apassionada pelo nosso país, Kim garante que sente saudades sempre que viaja para Boston. Fã da comida portuguesa, não resiste aos queijos nem às sobremesas, mas é das pessoas que fala com um brilho especial no olhar.

os seus desafios de mãos dadas e mantém uma cumplicidade genuína que acaba por ser um espelho da postura que fazem questão de ter em qualquer ocasião. *“É uma bênção ter uma mulher como a Kim ao meu lado. Somos verdadeiros companheiros. Não somos apenas marido e mulher, somos parceiros em tudo o que fazemos. Tenho muito orgulho nela e sei que ela tem muito orgulho em mim. Podemos fazer diferentes coisas, mas temos sempre o mesmo objetivo. Ela é uma mulher fantástica, admiro-a muito”*, admitiu o embaixador.

Com uma carreira solidificada no mundo da advocacia e dos negócios, sendo presidente e fundadora do The Locator Services Group, Kim faz questão de tirar o melhor partido da responsabilidade que ganhou com o cargo de embaixatriz, já que tanto ela como o marido querem deixar uma marca de mudança em Portugal e não poupam esforços nesse sentido. Um exemplo



disso mesmo foi a angariação de fundos que a embaixatriz fez a favor da APAV, abrindo as portas da residência oficial para um jantar e leilão onde se colocou o dedo na ferida ao falar de violência doméstica. “Desde que estou em Portugal que o empoderamento feminino é um assunto muito importante para mim, e é também algo que me é francamente familiar, sendo eu uma empresária em Boston. Quando chegámos a Portugal, quis assegurar-me de que faríamos a diferença. E a maneira que eu tinha, e sabia, de fazer isso era dando oportunidades e partilhando algumas das coisas que aprendi nos Estados Unidos”, começou por explicar Kim, que é responsável pelo projeto Connect to Success, um programa que apoia mulheres empreendedoras e que é uma das suas principais iniciativas enquanto embaixatriz. “Estando aqui em Portugal, queria também trazer algo que não é assim tão comum por cá: as angariações de

fundos. Trata-se de dar a conhecer e de falar de causas importantíssimas, como a violência doméstica, neste caso concreto. Este é um assunto tão atual, tanto nos Estados Unidos como cá, e afeta todos os estratos sociais. Penso que há a ideia errada de que não existe

“É uma bênção ter uma mulher como a Kim ao meu lado. Não somos apenas marido e mulher, somos parceiros em tudo o que fazemos.”

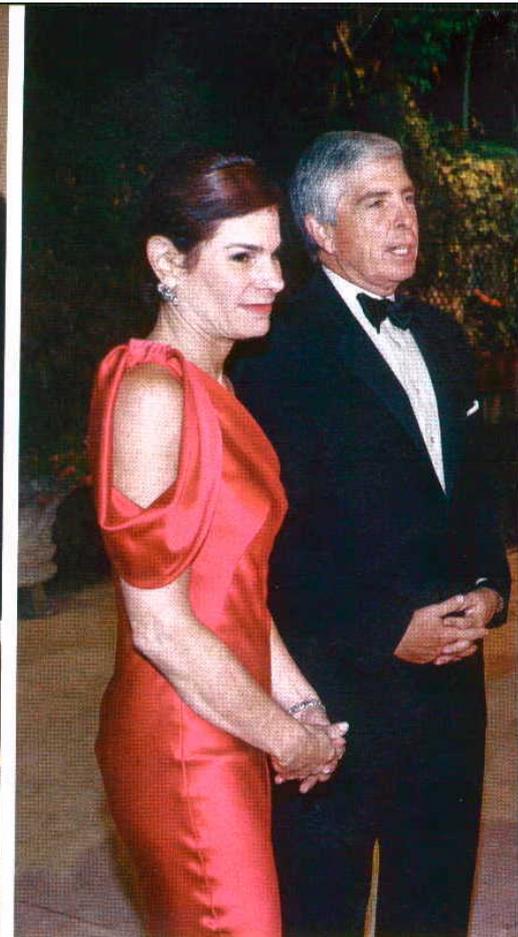
violência doméstica nos estratos mais altos da sociedade. Existe! E uma das maiores diferenças que sinto entre Portugal e os Estados Unidos neste assunto, e que é muito cultural, é que o que acontece dentro de uma família fica na família. Portanto, apesar de a violência

doméstica ser um crime público, não é tratado dessa forma cá em Portugal. E sempre que regresso a este país, vejo a notícia da morte de mais uma mulher, vítima de maus tratos. Daí ser tão importante chamar a atenção para este assunto, bem como para as instituições, como a APAV, que ajudam todas as vítimas que acham que não têm saída possível”, reiterou Kim, que tem como principal objetivo “ajudar as mulheres a serem financeiramente independentes” e, deste modo, dar-lhes armas para que não se sintam ‘obrigadas’ a permanecer em relações abusivas só porque não têm como sustentar os filhos, por exemplo. “Gosto de pensar que estamos os dois a deixar a nossa marca em Portugal. Não viemos para cá passar férias, viemos para fazer a diferença, para trabalhar, mas deixo que sejam os portugueses a dizer se estamos a conseguir ou não”, remata Robert. ●

TEXTO: VANESSA BENTO FOTOS: JOÃO LIMA



Robert A. Sherman
recebe Francisco
Pinto Balsemão



EMBAIXADORES DOS EUA PROMOVEM NOITE



Kim Sawyer com
Mário Ferreira e
Paula Paz Dias

Com o objetivo de chamar a atenção para o crescente de violência doméstica no nosso país, o embaixador e a embaixatriz dos EUA, **Robert A. Sherman** e **Kim Sawyer**, abriram as portas da sua residência oficial em Lisboa para uma angariação de fundos a favor da APAV. *“Esta é uma causa muito importante e é um problema mundial. Por isso, abrir a nossa casa para receber estes convidados que apoiam esta causa e chamar a atenção para este assunto é muito importante para nós”*, explicou o embaixador à CARAS, no início da noite.

Depois de um *cocktail* servido nos jardins da casa dos embaixadores, os convidados puderam licitar os diferentes objetos doados para este leilão fechado. Desta lista, entre outras coisas, faziam parte joias doadas pela Topázio, uma coleção de vinhos, viagens para os Estados Unidos, uma camisola autografada da Seleção Nacional e seis noites



Kim Sawyer e Robert A. Sherman a conversa com Diana Polignac de Barros e Miguel Horta e Costa



Nuno e Daniela Rogeiro

SOLIDÁRIA PELA APAV



Marina e Jorge Arnoso



Mercedes e Francisco Pinto Balsemão

Numa noite dedicada à solidariedade, a residência oficial dos embaixadores dos EUA recebeu várias personalidades da nossa sociedade, que fizeram questão de dar o seu contributo para a APAV e, consequentemente, às vítimas de violência doméstica.

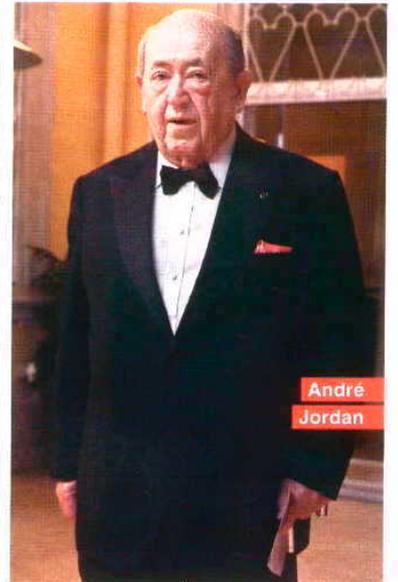


A mesa dos embaixadores durante o jantar



“Não sei dizer não a pessoas de quem gosto e a causas que me emocionam.” (A. Jordan)

Depois de um 'cocktail' e antes do jantar, os convidados puderam licitar os diversos bens doados para o leilão. Katia Guerreiro foi a convidada musical que animou a noite.



André Jordan



José e Maria José Germano de Sousa



Isabel, Peter e Diane Villax

num cruzeiro DouroAzul. “Esta é uma noite de solidariedade. Esta embaixatriz é uma pessoa extraordinária, que quer deixar uma marca em Portugal e está a fazer um trabalho muito bom na área social, e estamos todos aqui para ajudar. É preciso pôr este assunto na ordem do dia e é um pouco isso que estamos a fazer hoje aqui, chamando a atenção para este tema”, sublinhou Mercedes Balsemão.



ID: 66397310

08-10-2016 | Revista E



Marido que bate, pai que cuida?

Um ex-marido violento não perde, necessariamente, o direito de conviver com os filhos. Dois papéis distintos que a Justiça permite conciliar





azia sol e o calor apertava. Rita* comprou gelados para quando os filhos chegassem a casa. Separada há três meses, julgava que a vida recomeçava. As crianças regressaram do fim de semana com o pai, jantaram os quatro, às vezes acontecia. Afinal, o apartamento de duas assoalhadas onde viviam nos subúrbios de Lisboa era dos pais dele. E a única solução era tentar um divórcio amigável. Subitamente a discussão começou. Os miúdos estavam na cama e ele de saída. Dois encontrões bastaram para empurrar a porta. Rita bem tentou segurá-la e fechá-la. João, por suspeitar que Rita tinha um namorado, estava invencível pelo ciúme. Crescia à medida que lhe chamava nomes. “Vadia, és uma ordinária, vai dormir com esse cabrão para outro lado. Se eu vos apanho aos dois perco a cabeça.” Ela sentia-se diminuída, por dentro e por fora. Uma garrafa passou-lhe ao lado. Ao segundo safanão deixou-se cair, achando que o chão a podia proteger. Virada de lado, em posição fetal. Era sempre assim que fazia quando eram casados. Não queria acordar os filhos com os gritos. Uma força para não chorar que se tornou um vazio. Um, dois, três, quatro pontapés. E depois, do nada, ele parou. Balbuciu umas palavras entre o choro. Responsabilizou-a. Deitou-se ao pé dela e obrigou-a a ter relações sexuais. Rita não teve forças para resistir. Já tinha desistido ao ver passar a garrafa, a partir daquele momento só pensou em sobreviver. Um zumbido começou a tilintar nos ouvidos, quase que deixando-se sem sentidos. Marta e Martim* dormiam ao fundo do corredor. Ela quer acreditar que dormiam. E que nos oito longos anos de casamento nunca se aperceberam do que se passava quando, noite cerrada, a mãe e o pai “mudavam os móveis”. Apesar de eles estarem sempre no mesmo sítio e de só ela ter nódoas negras.

Caiu-lhe uma lágrima. Igual à que cai hoje, quando relembra a história. É verão, faz sol e calor novamente, mas desta vez não há gelados à espera dos filhos que estão de férias com o ex-marido e seu ex-agressor. Ele há de entregar as crianças a uma prima que os levará de volta a Rita e ao abrigo onde agora moram. O divórcio já saiu, mudou de terra, pediu ajuda para se proteger. Interiorizou que a pancada do marido não é algo que possa ser relevado. Mas não é capaz de usar a palavra violação.

Está a ver como recomeça a vida, apesar de terem passado quase dois anos. Ganhou alguma resistência, não treme quando ele liga com a desculpa de saber das crianças, mas tem sempre medo que eles não voltem das férias e fins de semana. Aos poucos mentaliza-se que terá de continuar a conviver com o agressor, aquele com quem o tribunal a obriga a dividir os filhos. De cada vez que ele chega ao café onde a prima entrega as crianças para passarem tempo com o pai, Rita, que assiste ao longe, lembra-se daqueles dias em que a discussão começava subitamente. As nódoas negras voltam à memória. “De início separei o que ele me

fazia da relação que tinha com as crianças. Separei-me, mas ele continuou a fazer-me o mesmo. Até que ponto tenho de continuar a sujeitar-me a conviver com o homem que me bateu tantas vezes? Não sei. É em nome de quê? Dos meus filhos?” Rita gostava de nunca mais ter de o ver. Por ela e, diz, pelos filhos. Uma condenação ou investigação por violência doméstica não impedem um agressor de ter direitos de visita ou de requerer a guarda de um filho. Um pai não perde direitos por ser abusivo. Ainda há pouco tempo, o Tribunal de Família e Menores de Cascais atribuiu a guarda provisória de duas meninas a um pai condenado por violência doméstica e com pulseira eletrónica para não se poder aproximar da ex-mulher. Uma das agressões causou um traumatismo craniano na ex-mulher e o tribunal deu como provado que lhe batia à frente das filhas.

É um dilema da justiça. De um lado, os direitos das vítimas de violência doméstica. Do outro, os direitos das crianças a conviverem com o pai. Em nome do superior interesse da criança, pune-se para sempre ou reabilita-se um agressor? “Esta é uma questão que se impõe. Nem todas as mulheres têm retaguarda nas visitas. As situações de trocas de crianças, as visitas parentais, são complicadas. Coloca as mulheres em risco”, diz Daniel Cotrim da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV). Com o tempo, os tribunais deixaram cair a ideia de violência vicariante, isto é, indireta. Apesar de não serem os menores os alvos da fúria dos pais, de alguma forma assistem. Como quando ouvem, na divisão ao lado, o pai a bater na mãe. Ou, como Marta e Martim, se apercebem das nódoas negras que a mãe exhibe.

A Justiça deve fechar os olhos, não pendendo para nenhum lado, equilibrada como a balança que segura. Até que ponto se corta o acesso a um pai que bate numa mãe para os proteger ou até onde deve ir a sociedade para recuperar um pai que é um monstro aos olhos de um filho. “A questão de os pais condenados e/ou acusados de violência doméstica deverem continuar a ter direitos de visita e de responsabilidades parentais não tem uma resposta sim ou não. Depende sempre dos casos e de uma avaliação constante”, diz o juiz Joaquim Silva, do Tribunal de Família e Menores de Sintra. Depende do tipo de violência e do foco. “Qualquer indivíduo perante uma situação de stress é capaz de reagir com violência”, frisa.

João*, o ex-marido de Rita, nunca tocou nos filhos. Aparentemente, eles dormiam no quarto ao fundo do corredor durante os episódios de pancada. Houve algumas vezes, quando eram mais pequeninos, que acordaram a meio da noite e interromperam a discussão. “O João ficava cego. Nem os via. A Marta [a mais velha] levava o irmão a chorar e ia acalmá-lo para o quarto. Nunca viram nada concreto. Mas ela percebia que havia qualquer coisa anormal naquela situação e protegia o irmão”, relembra Rita. A certeza com que



TEXTO
CAROLINA REIS



ID: 66397310

08-10-2016 | Revista E

afirma que nunca assistiram a nada baseia-se na esperança de que eles acham que eram ‘apenas’ discussões.

No processo de regulação das responsabilidades parentais, João contentou-se com o mínimo acesso aos menores. Fins de semana e férias. Começou por pedir todos os fins de semana em troca das férias, como desculpa para querer continuar a vê-la com frequência. Para o juiz Joaquim Silva é aqui que reside a diferença. Entre um pai que está focado nos filhos ou um pai que está focado na mãe. “É isto que os juizes devem tentar perceber, porque a violência doméstica está demasiado abrangente. É um caso de conflito. E há situações em que é praticada pelos dois progenitores.” Nos casos que acompanha, em Sintra, tenta fazer a distinção entre quem perdeu a cabeça e reagiu com violência e quem a pratica consistentemente. “Avalio isso. Vejo se eles estão interessados nos filhos ou nas mulheres. Falo diretamente com as polícias das zonas de residência, nos casos mais graves dou o meu número à vítima. Se vejo que eles estão obcecados com as ex-mulheres começo por reduzir as visitas e posso até mesmo cortá-las. O juiz tem de andar em cima, não se pode generalizar.”

MORTE EM ESPANHA

As férias, a residência alternada, as trocas de crianças aos fins de semana podem colocar, permanentemente, a vítima em contacto com o agressor e os menores perante as situações que tinham antes da separação dos pais. Há dois meses, em Espanha, morreu uma mulher assim. O filho, de cinco anos, era entregue ao pai numa casa segura, por uma terceira pessoa, mas durante semanas ele seguiu-a. Conseguiu refazer-lhe os passos e saber que, depois de ele deixar a criança, ela esperava ao fundo corredor para o ir buscar. Alexandra, 28 anos, foi esfaqueada no pescoço e no abdómen, enquanto o filho assistia. As facadas no pescoço deixaram-na sem capacidade de pedir socorro. Resistiu até ao bloco da sala de operações do hospital Clínico de Zaragoza. O seu assassino (o ex-marido), de 32 anos, tentou matar-se em seguida, mas sobreviveu.

Em Portugal não há casos relatados de mortes ocorridas em situações idênticas. “Há entregas que são feitas com mediação de organizações, mas isso não acontece sempre. E quando a vítima não tem apoio, são momentos de grande conflito. Normalmente, depois do divórcio, a maneira como a mãe rege a vida das crianças, torna-se a justificação para continuar a violência”, explica Elisabete Brasil, presidente da União de Mulheres Alternativa e Resposta (UMAR). Cada momento de convívio entre a mãe-vítima e o pai-agressor é uma situação de violência. Não se trata apenas de proteger os menores de uma pessoa violenta, mas em nome do que seria melhor para eles, coloca-se a vítima à disposição do agressor.

Foi assim com Lúcia*. Primeiro foi um abanão. Ela foi frontal: não admitia aquilo. Contou à mãe,

ao pai, ao irmão e à cunhada, só que achava que estava a descrever um momento de crise na relação de sete anos e sem filhos. Desvalorizou. Ele ofereceu-lhe uma mala cara, pediu desculpa, disse que a amava, foram de férias para a Ásia. No regresso, mudaram de casa e poucos meses depois ela engravidou.

Ele fez tudo como devia ser, insistiu para que ela trabalhasse menos em prol da gravidez, sugeriu que se despedisse por causa do bebé. Ela sentiu-se protegida, estava cansada de 12 a 16 horas diárias de trabalho, e acedeu. Nasceu uma criança saudável, deram-lhe o nome do avô, Lúcia sentia-se feliz. Uma felicidade parecida com os tempos em que viviam só os dois e a vida era feita de viagens e jantares até tarde em restaurantes caros. A alegria, contudo, durou pouco tempo.

Luís* voltou a dar-lhe outro safanão. Depois empurrou-a. Ainda a criança não tinha completado três meses e já ele lhe tinha dado o primeiro murro. “Foi como se tivesse entrado numa espiral. Estava vencida pelo cansaço e deprimida com o pós-parto. Não consegui fazê-lo parar, tudo era motivo para discutirmos. Mas também não conseguia sair dali. Como ia contar que o meu bem-sucedido, elegante e aparentemente carinhoso marido me batia?”

A espiral de violência continuou e ela engravidou de novo. Com um bebé de colo e outro na barriga, sentia a vergonha de ter de admitir a “desgraça” que se passava naquela casa. Luís centrou-se no filho. Fazia questão de cumprir as tarefas de pai em público. No restaurante era ele que se levantava para ir mudar a fralda, abriu uma conta-poupança para o filho estudar fora quando crescesse, ia passear com ele com a desculpa de que ela tinha de descansar. Um dia, estava Lúcia grávida de cinco meses, Luís não respondia às mensagens nem chegava a casa. Ela ligou-lhe para o trabalho. “Chegou desvairado. Deu-me um murro na barriga. Foi aí que percebi que não podia continuar.” Lúcia chamou a polícia, o marido foi identificado e assumiu o erro perante os dois agentes que entraram no apartamento de luxo no centro de Lisboa.

Chegaram a acordo quanto aos menores, mas tal como Rita, Lúcia depressa se apercebeu que não ia ser possível ter uma vida pacífica após o divórcio. Luís fazia questão de trocar as visitas, uma desculpa para a ver mais vezes. Ela voltou a trabalhar e ele ia lá entregar os filhos. O mais velho começou a não querer ir com o pai e Lúcia teve medo de o forçar. Ele, novamente desvairado, foi a uma festa na escola, entrou de rompante nos bastidores onde as crianças trocavam de roupa e empurrou-a. “Deu-me um murro no peito à frente de toda a gente e eu caí contra a parede. Continuou a chamar-lhe nomes, até que um dos funcionários o veio buscar.” Um pedido de alteração à regulação das responsabilidades parentais deu entrada em Tribunal, enquanto, separadamente, decorria o processo-crime. “Não há comunicação entre processos. O que defendemos

“As situações de trocas de crianças durante as visitas parentais são complicadas, pois colocam as mulheres em risco”, diz Daniel Cotrim





ID: 66397310

08-10-2016 | Revista E

é que os casos de violência doméstica sejam julgados por um magistrado que tenha acesso a tudo e que decida sobre a guarda das crianças e a casa de morada da família, mesmo que essas decisões venham a ser alteradas mediante novas provas e investigações”, defende Elisabete Brasil da UMAR.

O sistema judicial português separa situações que, afinal, estão interligadas. Vive-se num limbo. Com a vítima e os menores a serem empurrados de processo em processo. Depois de Rita perceber que não havia mais nada a fazer — aquelas horas em que ficou deitada no chão depois de ele ter ido embora —, pediu nova regulação das responsabilidades parentais. O tribunal marcou uma audiência entre os dois para o mesmo dia, não tinha conhecimento do processo de violência doméstica que decorria em paralelo. “Marquei a hora na agenda e pensei em não ir. Quando ele fala no tribunal é como se me estivesse a fazer tudo de novo.”

MUDANÇAS NA LEI

Por lei, a violência doméstica não tem mediação. Mas as vítimas ficam nas mãos dos agressores por causa dos filhos. A Convenção de Istambul, a primeira sobre a prevenção e o combate à violência contra as mulheres e a violência doméstica, ratificada por Portugal em 2014, veio trazer alterações significativas. Prevê que quando um magistrado define a guarda e os direitos de visitas deva ter em conta os processos de violência doméstica. Antes disso, em 2009, o estatuto da vítima estabeleceu um artigo que vem ao encontro desta ideia. “Os juízes não conhecem e alguns dizem que não querem conhecer. A lei está adequada à realidade. É basilar que um agressor é mau pai”, acusa Leonor Valente Monteiro, advogada especializada em casos de violência doméstica e membro da Associação Portuguesa de Mulheres Juristas da região Norte.

A regulação das responsabilidades parentais é feita em nome do superior interesse da criança. É pelo seu bem-estar e pelo direito ao convívio com os dois progenitores que se estabelecem as visitas e se atribui uma guarda. A lei do divórcio de 2008 veio alterar o Código Civil, estabelecendo que à partida, se não houver conflito, a guarda é dividida entre os dois progenitores. Isto é, ficam com a mãe e o pai, alternadamente, ao contrário do que aconteceu durante muitos anos em que, por regra e com o acordo do país, os menores eram entregues às mães. “Achamos que os casos de violência doméstica deveriam ser exceção ao regime geral. Os magistrados partem do princípio que o agressor pode ser bom pai e que a violência sobre a mãe não é contra as crianças”, alerta a presidente da UMAR.

Sofia* incutiu essa ideia em si. Se a filha não fosse espancada era como se ela também não fosse vítima. “O que seria a minha vida divorciada e desempregada com uma filha para criar?” A mãe também era agredida do pai. Depois de bebedeiras e de sovas nasceram os quatro irmãos de Sofia. “Mesmo sabendo de tudo, sempre gostei muito do meu pai. Quando

“Os magistrados partem do princípio de que o agressor pode ser bom pai e que a violência sobre a mãe não é contra as crianças”, acusa Elisabete Brasil

não estava sob o efeito do álcool era carinhoso conosco. Fora umas palmadas necessárias, nunca foi violento com os filhos.” Sem querer, Sofia via o ritual de casa dos pais repetir-se consigo.

Viveu dez anos com episódios de violência que começaram por ser esporádicos e se foram tornando mais frequentes. A filha, uma adolescente que acompanhou a mãe por diferentes abrigos, pediu-lhe que se fossem embora. Um dia, apanhou a menina encostada ao lavatório da casa de banho a dar murros na própria cabeça. “Estava desesperada. Sentia-se sem saída. Queria começar de novo noutra parte.” Pegou nas chaves de casa e saiu. Nunca mais voltou. Pediu dinheiro a uma amiga e dormiu numa igreja durante as primeiras semanas. Ouvia o terço todos os dias, às seis da tarde, e adormecia a pensar “... agora e na hora da nossa morte”.

A saída súbita gerou vários processos em tribunal. Ele a acusou-a de o impedir de ver a filha. Ela a pedir para ser protegida. Ele procurava-a por todo o lado. Foi ter com os amigos, com a família, ao antigo trabalho. Tentou por tudo ver se alguém sabia onde estavam. Mas ela não tinha contado a ninguém. A filha diz que não quer ver o pai. E ela também não quer que a jovem, que agora começa a querer namorar, tenha aquele exemplo. Prefere que não tenha nenhum a ter aquele pai.

Ricardo Simões, presidente da Associação Igualdade Parental, vê nas queixas de violência doméstica uma arma na guerra do divórcio, prejudicando as crianças de crescerem com os dois pais.

“Há muitas condenações de violência doméstica que são falsas. Aconteceram sem provas ou porque os arguidos não tiveram dinheiro para contratar um bom advogado. 77% das queixas [dados oficiais] são arquivadas, não podemos dizer que são todas por falta de provas. Vive-se uma histeria com a violência doméstica.” Fundamentada.

O ano passado, segundo dados da APAV, os crimes por violência doméstica representavam mais de 50% dos registos criminais (18.679). O Observatório das Mulheres Assassinadas, da UMAR, regista que entre 1 de janeiro e 31 de agosto morreram 20 mulheres às mãos de maridos, ex-maridos, companheiros e namorados. Em 2015, de acordo com o Relatório Anual da Segurança Interna, morreram 40 no total. Estima-se que, no mundo, a cada hora morram cinco mulheres vítimas de violência doméstica.

Todas as mulheres que estão nas casas abrigo da APAV foram aconselhadas a pedir a definição das guardas dos filhos no momento em deixaram a relação abusiva. “Para evitar que o agressor se acuse de sequestro ou rapto. A grande maioria sai de casa com os filhos”, alerta Daniel Cotrim. Rita e Sofia só o fizeram depois. Na rapidez da decisão só houve tempo para pensar no essencial. “Sentia-me muito suja. Vejo névoas da cor das calças dele naquela noite. Tenho a imagem dele a vesti-las na cabeça”, relembra Rita.

Dia 14, a Associação para a Igualdade Parental vai apresentar uma proposta para que em caso de denúncia de violência doméstica seja aberto um processo de promoção e proteção dos menores, obrigando o juiz do tribunal de família a decidir em 48 horas. “Cada caso é um caso. Em caso de pai agressor, o Estado deve reabilitar o indivíduo. Se reabilitam para outros crimes porque não para este?”, pergunta Ricardo Simões. Já a advogada Leonor Valente Monteiro, habituada a lidar com vítimas, desvaloriza as falsas denúncias. “Um estudo recente feito na Europa revela que as falsas denúncias apenas correspondem a 2%. Desacreditar as vítimas tem sido a estratégia das defesas, mas isso tem de mudar.”

A ideia do perdão é algo que não se aplica a este tipo de crimes. “Não é um acontecimento. É uma situação que vai crescendo de forma insidiosa. Às vezes até de forma subtil, de início até parecendo prazenteira para a vítima, com o objetivo de a poder controlar”, diz Elisabete Brasil. E é por essa razão que a lei não permite a mediação.

Para Rita, Lúcia e Sofia a ideia de perdão é desumana e não é uma possibilidade. As marcas que têm não se apagam. Hoje, estão com os filhos e tentam digerir o passado. Talvez Marta e Martim, os filhos de Rita, voltem a gostar de comer gelados. E o sol e o calor aconcheguem a casa onde moram. ●

* Os nomes são fictícios

cbreis@expresso.impresa.pt

05-10-2016

APAV lança campanha sobre a Linha de Apoio à Vítima



A APAV apresenta uma nova campanha com o objectivo de promover a Linha de Apoio à Vítima da APAV - 116 006 (chamada gratuita).

A Linha de Apoio à Vítima - 116 006 - corresponde ao número de apoio à vítima europeu e é um serviço de atendimento telefónico, gratuito e confidencial, adequado às necessidades de cada vítima de crime e/ou violência, que trabalha numa rede de parcerias com as entidades judiciárias e policiais, possibilitando um encaminhamento rápido do caso da vítima para as entidades competentes.

No seguimento de outras iniciativas já desenvolvidas pela APAV Açores, como é o caso do sistema de referência de vítimas de crime, estabelecido com a Esquadra PSP de Lagoa, que consiste no encaminhamento para o Gabinete de Apoio à

Vítima de Ponta Delgada das vítimas de crime que necessitem de apoio social, psicológico e/ou jurídico.

A presente campanha tem como objectivo a divulgação junto da população do concelho de Lagoa a existência da Linha de Apoio à Vítima - 116 006, número gratuito para atendimento a vítimas de crime.

Ainda no âmbito desta campanha, a APAV Açores pretende realizar no concelho de Lagoa, acções de sensibilização/informação sobre várias temáticas relacionadas com o crime e a violência.

A campanha da Linha de Apoio à Vítima da APAV, que parte do mote "A violência esconde-se no silêncio", foi desenvolvida criativamente pela agência HUMAN Lisboa e será disseminada na Região Autónoma dos Açores através de um spot de TV e Rádio, cartazes e mupis.



APAV volta a organizar Jornadas Contra a Violência



A Associação de Apoio à Vítima (APAV) dos Açores promove, na próxima sexta-feira, 14 de Outubro, as IV Jornadas Contra a Violência, que terão lugar no Centro Municipal de Cultura, em Ponta Delgada.

A quarta edição da iniciativa volta a reunir inúmeros especialistas, que, desta feita, se debruçam num debate com três temáticas centrais: cibercrime – o furto de identidade online; vítimas de crimes e discursos de ódio; e violência sexual sobre crianças e jovens.

De entre o painel de especialistas que vão marcar o evento destacam-se os nomes de Vítor Carneiro (Coordenador do Gabinete Médico-Legal e Forense Açores Oriental); Laura Pessanha Seixas (Procuradora-Adjunta do Departamento de Investigação

e Acção Penal da Comarca dos Açores); João Oliveira (Coordenador do Departamento de Investigação Criminal de Ponta Delgada da Polícia Judiciária) e Elias Pereira (Presidente do Conselho Distrital dos Açores da Ordem dos Advogados).

Também irão intervir no encontro Jerónimo Nunes (Professor Auxiliar do Departamento de Matemática da Universidade dos Açores); Frederico Moyano Marques e Carla Ferreira (APAV); Daniela Soares (Técnica do Centro de Informação e Acompanhamento de Políticas de Igualdade), Leonardo Sousa (Presidente da Direcção da Associação Solidaried'arte), Sónia Massa (Coordenadora da Equipa de Centros de Acolhimento Temporário e Lares do Instituto de Segurança Social dos Açores) e Joana Alexandre (Professora Auxiliar do Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa -Instituto Universitário de Lisboa).

Na sessão de abertura vão intervir representantes da Secretaria Regional da Solidariedade Social e da Câmara Municipal de Ponta Delgada.

As Jornadas estendem-se ao longo do dia de sexta-feira e terminam com uma sessão de encerramento, marcada para as 17h00, com um representante da Universidade dos Açores e da gestora da APAV Açores.



IV Jornadas Contra a Violência decorreram no Centro Municipal de Cultura em Ponta Delgada

Especialistas debatem crimes de violência sexual contra crianças e reforçam apelo para que a sociedade se envolva e denuncie os casos

As quartas jornadas da Associação de Apoio à Vítima (APAV), que se realizaram ontem no Centro Municipal de Cultura em Ponta Delgada, foram dedicadas ao "Cibercrime - O Furto de Identidade Online, Vítimas de Crimes e Discursos de Ódio e Violência Sexual sobre Crianças e Jovens". Apesar de "estatisticamente" estar associada aos casos de Violência Doméstica, a APAV "apoia vítimas de qualquer tipo de crime", realça Sílvia Branco, gestora da Associação nos Açores, explicando: "Este ano quisemos apostar em outras áreas para que a prática por parte dos técnicos sejam mais especializada".

Diversos especialistas – advogados, polícias, professores universitários, membros de diversas associações e entidades – debateram as temáticas em questão. Mas como recorda Sílvia Branco, a própria sociedade também tem uma palavra a dizer no combate aos vários tipos de violência, nomeadamente nos casos em que há vítimas de crimes que não são considerados públicos: "Podem ao ter conhecimento sensibilizar esta população acerca dos apoios que a APAV presta e que poderá disponibilizar, e de certa forma encaminhar e encorajar a vítima para uma apresentação de queixa, apoio psicológico, jurídico ou social".

A prevenção e formação são duas das responsabilidades que a APAV Açores também assume como suas. Nesse sentido, o trabalho com os mais novos, no âmbito de cibercrime e da violência sexual juntos de escolas e de centros de convívio é considerado muito importante: "Acreditamos que é na idade mais tenra que devemos fazer todo este trabalho de sensibilização para que possamos, eventualmente, evitar que as pessoas sejam vítimas deste tipo de crimes ou, não podendo evitar, que tenham conhecimento dos seus direitos para que possam reivindicar dos mesmos".

Sobre os números da violência doméstica, a gestora da APAV Açores, confirma que diminuíram os pedidos de apoio mas considera que isso não permite concluir que há menos denúncias. Sílvia Branco acredita que essa redução resulta do facto de haver mais estruturas a conceder apoios e, por isso mesmo, insiste que é importante denunciar. Sobre o papel da sociedade, a especialista refere que também "é importante que as pessoas quando denunciam a situação à APAV, pelo menos possam dar conhecimento à vítima de que estão a fazê-lo, porque a colaboração da vítima é importante".



Sílvia Branco gestora da APAV Açores



Nos casos de violência sexual sobre crianças é importante que a vítima não reviva o crime

Os painéis dedicados ao Cibercrime e às Vítimas de Crimes e Discursos de Ódio decorreram durante a manhã. O tema da Violência Sexual sobre crianças e jovens foi debatido durante a tarde. A primeira intervenção coube a João Oliveira, Coordenador do Departamento de Investigação Criminal de Ponta Delgada da Polícia Judiciária, que abordou as "questões legais e procedimentos de investigação". Durante a apresentação, João Oliveira referiu que apesar da "percepção" de que estaremos perante "uma escalada deste tipo de crime", é importante compreender que essa percepção nem sempre se confirma na realidade e, garante, "não há razões para alarmismos".

Em termos de abusos sexuais, os dados que apresentou revelam que entre 2000 e 2015 foram detidas 170 pessoas. Esclarece que os casos que são denunciados e que não chegam a tribunal não são necessariamente queixas falsas e insiste na importância da sociedade continuar a "reportar, reportar, reportar até à exaustão", indícios ou suspeitas das práticas destes crimes. Cabe depois às entidades competentes investigar e confirmar o que aconteceu.

Sobre este ponto em concreto, o Coordenador do Departamento de Investigação Criminal de Ponta Delgada da Polícia Judiciária abordou a dificuldade que por vezes pode existir entre proteger a criança e garantir uma investigação célere e completa. O tempo parece ser um inimigo para a recolha de provas, nomeadamente biológicas, que permitam identificar e punir os criminosos. No entanto, nos casos em que há crianças envolvidas, as autoridades também têm de evitar que a vítima seja obrigada a verbalizar o crime inúmeras vezes, porque isso implica, sujeita-la a reviver essa mesma experiência.

Para além de João Oliveira, também participaram nas Jornadas da APAV Elias Pereira Presidente, da Ordem dos Advogados nos Açores, Leonardo Sousa, Presidente da Associação SOLIDARIED'ARTE, Sónia Massa, Coordenadora da Equipa de Centros de Acolhimento Temporário e Lares da Segurança Social dos Açores, entre outros.

C.A.

Câmara Municipal de Ponta Delgada garante que tem vindo a adoptar estratégias de combate ao flagelo da violência

A Vereadora da Acção Social, Fátima Rego Ponte, em representação do Presidente José Manuel Boleiro, afirmou na sessão de abertura das IV Jornadas da APAV Açores, que "esta é mais uma das muitas oportunidades de debate sobre a problemática da violência que a parceria entre o Município de Ponta Delgada e a APAV tem permitido realizar, fomentando a atenção, o diálogo e a cooperação". "Em conjunto, temos vindo a adoptar estratégias de combate ao flagelo da violência, com que somos confrontados diariamente", lê-se na nota emitida pela autarquia com o resumo da intervenção da vereadora. "Fátima Rego Ponte recordou a criação do primeiro Gabinete de Apoio à Vítima dos Açores, há quase 14 anos, resultante de uma iniciativa da Autarquia de Ponta Delgada em estreita colaboração desta importante instituição.

Aproveitou a oportunidade para agradecer, em nome do Presidente da Câmara, a todos os que estão envolvidos neste projeto, contribuindo de forma voluntária, abnegada e eficaz no despiste, aconselhamento e busca de soluções efetivas para minimizar os efeitos de alguns problemas de violência. "A criação deste tipo de apoio merece todos os dias um esforço acrescido da nossa parte como uma forma de implementar um conjunto de instrumentos que permitam a afirmação e desen-

volvimento de políticas sociais adequadas", adiantou.

Para a Vereadora, "em boa hora, a Câmara de Ponta Delgada e a Associação Portuguesa de Apoio à vítima deram as mãos, o que tornou possível a abertura de um Gabinete de Apoio à Vítima que conta com técnicos de acção social, juristas, psicólogos que todos os dias dão um pouco da sua ajuda a quem dela mais necessita". Referiu, por outro lado, que a Autarquia cedeu as instalações para a abertura e funcionamento deste Gabinete e suportou os custos de funcionamento, através de um protocolo que prevê a comparticipação de 34 mil euros por ano por parte do Município.

Como adiantou, ao longo de mais de uma década de cooperação, "nunca desistimos de procurar o diálogo com todas as instituições, porque sabemos que sozinhos não conseguiremos levar por diante todas as estratégias de prevenção e combate à violência, área em que se afiguram necessários todos os esforços".

Apontou como exemplos, não apenas o Gabinete de Apoio à Vítima, mas também nas áreas que merecem um especial envolvimento da Câmara Municipal, como a Comissão de Protecção de Crianças e Menores em Risco do Concelho. Ao longo dos anos, a Câmara tem disponibilizado todos os meios ao seu

alcance para a prossecução de um trabalho sério com vista à sinalização de menores em risco e ao respetivo encaminhamento para as instituições oficiais. Fátima Rego Ponte sublinhou que "importa promover uma consciência crescente da natureza criminal destes comportamentos e das graves consequências pessoais, sociais e económicas que daí advêm".

"A Câmara espera que o trabalho iniciado, com a APAV, há quase 14 anos, continue a dar frutos. Em nome de uma sociedade mais justa, mais equilibrada e menos violenta. Continuaremos a envidar todos os esforços, dentro das nossas disponibilidades e competências, para ajudar na luta contra a violência. Como sempre, a Câmara está empenhada em ajudar a uma maior coesão social e a uma maior integração na sociedade", sustentou.

A Vereadora reforçou a ideia de que "não há desenvolvimento nem progresso sem justiça social. A nossa Divisão de Desenvolvimento Social continua empenhada em ajudar-vos neste processo e é uma porta permanentemente aberta para dar a melhor e mais célere resposta aos diversos problemas que a sociedade enfrenta. Iniciativas como as que estamos a desenvolver hoje são essenciais para um verdadeiro debate sobre as problemáticas sociais. Saibamos todos ter as devidas ilações do debate que aqui se gerar", refere a nota.



ID: 66496172

15-10-2016

EDUARDO RESENDES

Furtos de identidade online chegam à APAV

APAV Açores tem dado apoio a vítimas de roubo de informações pessoais online usadas para fraudes e outros crimes

PAULA GOUVEIA
pgouveia@acorianooriental.pt

Começam a chegar à Associação de Apoio à Vítima (APAV) dos Açores casos de furto de identidade online, ou seja, situações de vítimas de roubo de senhas de acesso a contas (como por exemplo de email, de homebanking ou de facebook) ou uso de informação pessoal sem consentimento, usadas para cometer fraude ou outros crimes.

"Começamos a registar alguns processos no âmbito deste tipo de crime, mas notamos que ainda existe pouca informação, acima de tudo por parte das vítimas que nos procuram, mas também por parte das entidades que intervêm junto desta

população que é afetada", explicou Sílvia Branco, gestora da APAV Açores, à margem das Jornadas da APAV Açores Contra a Violência, que decorreram ontem em Ponta Delgada.

E foi precisamente com o objetivo de combater este desconhecimento do fenómeno que a associação escolheu este tema para o primeiro painel das jornadas. Como adiantou a gestora da APAV Açores, a associação está apostada em ações de sensibilização e de prevenção (que pretende alargar a outras ilhas no próximo ano), com o objetivo de não só dar a conhecer o que é, e como pode ser prevenido, o furto de identidade online, mas também que tipo de apoio a APAV pode prestar nestas situações.

Segundo Sílvia Branco, a associação presta apoio jurídico, apoio psicológico e apoio social às vítimas, podendo, deste modo, acompanhá-la no processo-crime, nos contactos com o banco e realizando diligências para acautelar situações futuras. Por outro lado, diz Sílvia Branco, "por



Jornadas da APAV Açores Contra a Violência juntaram especialistas

norma, há necessidade de um apoio psicológico, ainda antes de toda e qualquer intervenção", "para que a pessoa recupere a capacidade de intervenção e de resolução dos seus problemas".

Frederico Marques, assessor técnico da direção, da APAV, explica que a associação não dispõe de estatísticas sobre esta realidade recente, porque é uma situação que, de um modo geral, aparece misturada com outros fenómenos (violência doméstica, cyberbullying, abuso sexual de crianças, pornografia de menores). Mas, adianta, "nos últimos quatro, cinco anos, o número de pessoas que nos vêm procurando por este tipo de situações aumentou exponencialmente".

E o impacto destes crimes pode ser muito grande: não só económico, como acontece nos casos de phishing bancário, mas também psicológico. A vergonha e a culpa associadas a estas situações, por se terem tido comportamentos indevidos ou ter-se sido negligente, levam muitas vezes as vítimas a não apresentarem queixa às autoridades. E, em casos de cyberbullying ou crimes semelhantes, o medo pode tomar conta da vítima.

Frederico Marques aconselha a que se apresente sempre queixa às autoridades e que procurem ajuda.

A prevenção, contudo é essencial nestes casos. "A palavra prevenção é importante sempre que se fala de crime, mas quando se fala deste tipo de

crime, a prevenção é ainda mais importante. Por uma razão muito simples: depois do crime acontecer, é muito mais difícil minimizar os seus efeitos. Uma parte significativa dos nossos esforços tem de ser colocada ao nível da prevenção, a levar as pessoas a adotarem comportamentos online cada vez mais seguros", sublinha Frederico Marques.

Até, porque, a defesa jurídica nestes casos é muito difícil e complexa. "Há situações em que o Direito vai atrás das tecnologias, da ciência, do conhecimento", diz Elias Pereira, presidente do Conselho Distrital dos Açores da Ordem dos Advogados, sublinhando que o furto de identidade online, "é um dos casos em que isso acontece".

"A internet negra é como um iceberg, em que a parte submersa é muito maior do que a parte à tona de água", repara Elias Pereira que salienta a desregulamentação que persiste nesta área. "A vítima está desprotegida", salienta o advogado que considera que o combate a este tipo de crimes "vai ser o desafio deste século".

Elias Pereira alerta que o importante é que "as pessoas tenham cuidado na utilização da internet, saberem que dados dão, e terem consciência de que há um risco enorme de utilização dos dados que transmitem, para fins que os podem prejudicar".

O advogado que tem "um caso pendente de phishing bancário, aqui em São Miguel, que foi transferido para a comarca de Lisboa", admite que nestes casos "a vítima está numa posição mais difícil que o banco" e não sendo "impossível o banco ser responsabilizado", "é difícil neutralizar a responsabilidade da vítima".*



Quase 40 por cento dos crimes de violência doméstica praticados contra mais de 2600 de idosos entre 2013 e 2015 - que foram acompanhados pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima - tiveram os seus filhos como autores.

Filhos entre os principais agressores a idosos

Os filhos foram os autores de quase 40 % dos crimes de violência doméstica praticados contra mais de 2600 idosos acompanhados pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) entre 2013 e 2015, situação que tem vindo a aumentar.

Enquanto no período 2013-2014 o autor do crime, na sua maioria, era o cônjuge, actualmente assiste-se a “um aumento das situações em que a vítima é pai ou mãe”, indicou recentemente a coordenadora executiva do Centro de Formação APAV, Maria de Oliveira. A APAV registou, entre 2013 e 2015, 3214 processos de apoio a idosos, em que 2603 foram vítimas de crime e de violência.

Estes valores traduziram-se em 6264 factos criminosos. Destes, 5072 (81%) foram crimes de violência doméstica,

860 (13,7%) foram crimes contra as pessoas e 288 (4,6%) contra o património. Entre os crimes de violência doméstica, destacam-se os maus-tratos psíquicos, com 1924 casos (30,7%), e os maus-tratos físicos, 1244 casos (19,9%). Houve ainda 846 idosos que foram vítimas de ameaça/coação (13,5%) e 520 de injúrias e difamação (8,3%). A maior parte dos crimes foram cometidos dentro da família, sendo os filhos (37,9%) e o cônjuge (28,2%) os principais agressores. Os netos protagonizaram 4,4% dos crimes e os vizinhos 4,7%.

“Estamos a falar de filhos que exercem violência contra os pais”, frisou a técnica, afirmando que “ainda há muito desconhecimento e alguma permissividade para continuarem a exercer estas situações”.



DR

Mais de metade dos crimes são cometidos por filhos

APAV defende que os profissionais que trabalham em equipamentos sociais e de saúde têm de “estar alerta” para detectar situações que podem constituir um crime contra os idosos. Segundo informações da APAV há idosos autónomos que estão em lares contra a sua vontade e outros que nem sabem sequer o valor da sua reforma.

4 de Outubro, TSF:

TSF RÁDIO NOTÍCIAS

Pesquisar

OUVIR EMISSÃO

NOTÍCIÁRIOS POLÍTICA SOCIEDADE ECONOMIA DESPORTO INTERNACIONAL CULTURA VÍDEOS OPINIÃO EVASÕES PROGRAMAS Gosto

Ambiente Ciência e Tecnologia Educação Saúde Justiça Segurança

SOCIEDADE Mau tempo no Algarve provoca inundações e queda de árvores

NÃO AO ABATE DAS ÁRVORES

SOCIEDADE Autarquia de Lisboa admite voltar atrás e rever abate de árvores em Entrecampos

SOCIEDADE Albufeira em alerta

VIOLÊNCIA SOBRE OS IDOSOS

"De um marido é fácil uma pessoa divorciar-se, de um filho, não"

04 DE OUTUBRO DE 2016 - 17:41

Bragança foi no ano passado o sexto distrito com maior número de casos de violência sobre idosos, uma tendência que um projeto do Núcleo da APAV quer alterar.



Foto: Global Imagens

Afonso de Sousa

Durante Outubro de 2015 e Outubro de 2016 foram identificadas 77 ocorrências de maus-tratos a idosos no distrito de Bragança. Maus-tratos físicos e económicos que um projeto desenvolvido pelo Núcleo de Apoio à Vítima, sediado na Associação de Socorros Mútuos dos Artistas de Bragança, com o patrocínio do BPI/Seniores, ajudou a identificar.

PARTILHAR

MAIS

Idosos

Sociedade

FOTOGALERIA DO DIA



Fidel Castro em Portugal (1998 e 2001)

DETETAMOS QUE TEM O SEU AD BLOCKER LIGADO

Apoie o jornalismo, desative o seu ad blocker para o nosso site.

OBRIGADO

PUB

ÚLTIMAS

Portugal no Euro feminino. Fernando Gomes gostou e quer mais
Há 12 min

Marcelo vê Fidel como uma figura incontornável da História
Há 26 min

Clipping Outubro - Outras Notícias APAV

1 de Outubro, Notícias ao Minuto

PAÍS A MINUTO 18° LIS

NOTÍCIAS A MINUTO POLÍTICA ECONOMIA DESPORTO FAMA PAÍS MUNDO TECH CULTURA LIFESTYLE VIDEOS

Violência contra idosos. Desconhecer direitos, não saber se é crime

Hoje assinala-se o Dia do Idoso e o Notícias ao Minuto conta-lhe a história de uma mulher que sofre às mãos do marido e que só pode contar com a ajuda dos vizinhos.



PAÍS TESTEMUNHO
09/04 - 01/10/16
POR PATRÍCIA MARTINS CARVALHO

f PARTILHAR

Dados revelados esta semana pela APAV, a propósito do Dia do Idoso, mostram que, entre 2013 e 2015, os filhos foram os responsáveis de quase 40% dos crimes de violência doméstica contra os mais velhos, o que representa uma alteração face ao período entre 2013 e 2014, quando era a violência conjugal que predominava.

PUB

Maria de Oliveira, coordenadora executiva do Centro de Formação APAV, explica que a dependência não é apenas financeira, é também emocional. A mesma responsável esclarece que os casos de vitimação dos idosos duram uma média de dois a seis anos e que as denúncias tardam em ser feitas porque as vítimas "sentem vergonha" e porque têm medo do que possa acontecer aos filhos se apresentarem queixa contra eles.

Maria de Oliveira lembra ainda que há "vários tipos de violência", como a física, a psicológica e a financeira. Muitos idosos são vítimas de burla e têm "vergonha" de reconhecer que se deixaram enganar.

"Existe ainda algum desconhecimento dos idosos relativamente aos seus direitos e até mesmo em terem a capacidade de reconhecer que estão a ser alvo de algum tipo de crime", explicou a responsável, acrescentando que esta sensibilização tem de começar ainda nos jovens através das próprias escolas.

Retirado de:

<https://www.noticiasaminuto.com/pais/662634/violencia-contra-idosos-desconhecer-direitos-nao-saber-se-e-crime>

15 de Outubro, Observador:



Famílias, pensionistas, trabalhadores do público e do privado. O Orçamento do Estado para 2017 vai mudar a vida de milhões de portugueses. Saiba aqui o que vai mudar para si.

Partilhe

- 1 O que muda nas finanças das famílias
- 2 Alterações para os mais pobres e para os mais ricos
- 3 Função Pública. As novidades
- 4 Emprego no privado. As alterações que aí vêm
- 5 Como vai mudar a vida dos pensionistas
- 6 Para os desempregados, o que vai mudar?
- 7 As empresas. O que significa este orçamento?
- 8 Outras novidades

Outras novidades

A **declaração automática do IRS** para trabalhadores dependentes e pensionistas vai estar disponível a partir do próximo ano.

Se **arrenda casa a turistas**, através de plataformas como o Airbnb, vai pagar mais imposto. Esses valores vão passar ser tributados a 35%.

A “lei do faroeste” ou “**imposto das balas**”, como já lhe chamaram, está a ser apontada como uma das formas mais criativas de o governo arrecadar receita no Orçamento. O Governo criou um novo imposto sobre “cartuchos de múltiplos projéteis cujo material utilizado contenha chumbo”. De forma mais simplificada: munições de chumbo. A atividade debaixo de fogo com esta medida é, essencialmente, a caça.

No Orçamento do Estado para 2016, as vítimas de violência doméstica passaram a estar isentas de custas judiciais, após uma proposta do Bloco de Esquerda aprovada na especialidade. A APAV (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima) solicitou de imediato que a lista de isenções fosse alargada a outros crimes. O que acontece agora. Em 2017, a isenção é alargada a “**vítimas dos crimes de escravidão, tráfico de pessoas e violação**”.

ilustração de Andreia Reisinho Costa.
[Voltar ao índice](#)

Retirado de: <http://observador.pt/especiais/como-o-orcamento-vai-mexer-com-o-seu-bolso/>

15 de Outubro, RTP Notícias:

RTP NOTÍCIAS

26 Out. 2016 | 10:09

DESPORTO | PAÍS | MUNDO | POLÍTICA | ECONOMIA | CULTURA

APAV sensibiliza com exposição

Rosa Veloso, Vedin Trhulj - RTP

15 Out, 2016, 14:38 / atualizado em 15 Out, 2016, 14:38 | País



A Associação de Apoio à Vítima quer tentar mudar comportamentos e sensibilizar os portugueses para as questões da violência doméstica através de uma exposição que está a percorrer o país.



O objetivo é envolver também os alunos durante este ano letivo. Neste momento o debate está no Algarve.

Retirado de:

http://www.rtp.pt/noticias/pais/apav-sensibiliza-com-exposicao_v954467



APAV debate problemáticas em Albufeira

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) promove uma série de seis debates sobre problemáticas sociais da atualidade na Biblioteca Municipal Lídia, em Albufeira, sempre à quinta-feira, das 11h00 às 13h30. A primeira tem lugar hoje e aborda o tema «Violência no Namoro». Seguem-se as discussões sobre «O *Bullying*» (dia 20); «A Violência contra a Pessoa Idosa» (dia 27); «O Conceito de Família ontem e hoje» (dia 3 de novembro); «A Discriminação em contexto escolar» (10 de novembro) e «O Papel dos Municípios no Apoio às Vítimas de Crime» (23 de novembro). A iniciativa acompanha a exposição fotográfica «O Virar da Página» de José Sarmento Matos, que aborda a violência que mulheres e homens sofrem, e mostra como lidam com os traumas do passado. A APAV tem um gabinete em Albufeira, onde presta apoio emocional, jurídico, psicológico e social a vítima de crimes e seus familiares (maus tratos, crimes sexuais e violência doméstica). A entrada é livre.



ALBUFEIRA:

APAV promove palestras contra a violência

A Associação de Apoio à Vítima (APAV) vai realizar seis palestras na biblioteca municipal Lídia Jorge, com o intuito de debater temáticas importantes que afetam o dia-a-dia da sociedade atual.

A violência no namoro (13 de outubro), o bullying em contexto escolar (20 de outubro), a violência contra a pessoa idosa (27 de outubro), o conceito de família (3 de novembro) e a discriminação social nas escolas (10 de novembro) são os temas que irão ser debatidos, entre as 11h00 e as 13h30. O ciclo de palestras encerra no dia 23 de novembro, com uma sessão que aborda o papel dos municípios no apoio às vítimas de crime.

Este evento surge no seguimento da exposição "O Virar da Página", patente na biblioteca até 24 de novembro, que integra um conjunto de 20 fotografias e um vídeo que relatam experiências dramáticas de pessoas que sofreram crimes violentos.

Da autoria de José Sarmento Matos em parceria com a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, o projeto tem por objetivo abordar a violência que mulheres e homens sofreram, e mostrar como é que lidam com os traumas do passado.

Recorde-se que a APAV possui um gabinete de apoio à vítima em Albufeira, que presta apoio emocional, jurídico, psicológico e social a vítima de crimes e seus familiares, com predominância a vítimas de violência (maus tratos, crimes sexuais e violência doméstica). Os serviços prestados são gratuitos e confidenciais.

APAV DEBATE PROBLEMÁTICAS EM ALBUFEIRA



por **barlavento**

Outubro 13, 2016



A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) promove uma série de seis debates sobre problemáticas sociais da atualidade na Biblioteca Municipal Lídia, em Albufeira, sempre à quinta-feira, das 11h00 às 13h30. A primeira tem lugar hoje, 13 de outubro e aborda o tema «Violência no Namoro». Seguem-se as discussões sobre «O Bullying» (dia 20); «A Violência contra a Pessoa Idosa» (dia 27); «O Conceito de Família ontem e hoje» (dia 3 de novembro); «A Discriminação em contexto escolar» (10 de novembro) e «O Papel dos Municípios no Apoio às Vítimas de Crime» (23 de novembro). A iniciativa acompanha a exposição fotográfica «O Virar da Página» de José Sarmento Matos, que aborda a violência que mulheres e homens sofreram, e mostra como lidam com os traumas do passado. A APAV tem um gabinete em Albufeira, onde presta apoio emocional, jurídico, psicológico e social a vítima de crimes e seus familiares (maus tratos, crimes sexuais e violência doméstica). A entrada é livre.

primeira página

(1443) - Promontório e vilas de Sagres são doadas de D. Pedro ao seu irmão, Inf

» Actualidade

Sociedade

Saúde

Economia

Ambiente

Cultura

Desporto

Internacional

» Futebol

abrir

» Editorial

ver anteriores



Editorial

Criticar é fácil !...

» Opinião

mais opinião |



Ana Filipa Santos *
Infecção por VIH: A importância da prevenção e do diagnóstico precoce



António Nóbrega
A ORIGEM DO LICENCIAMENTO ZERO

primeira página > Actualidade > Notícia

APAV realiza palestras em Albufeira

Associação Portuguesa de Apoio à Vítima debate problemáticas na Biblioteca Lídia Jorge

A APAV- Associação de Apoio à Vítima vai realizar seis palestras na Biblioteca Municipal Lídia Jorge, com o intuito de debater temáticas importantes que afetam o dia-a-dia da sociedade atual.

A violência no namoro, o bullying em contexto escolar, a discriminação social, a violência contra a pessoa idosa e o conceito de família são os temas que irão ser debatidos ao longo dos meses de outubro e novembro, entre as 11h00 e as 13h30. As datas das palestras são as seguintes:

13 de outubro: Violência no Namoro e a importância da Justiça Restaurativa em contexto escolar

20 de outubro: O Bullying e a importância da Justiça Restaurativa em contexto escolar

27 de outubro: A Violência contra a Pessoa Idosa

3 de novembro: O Conceito de Família ontem e hoje: a necessidade da mudança da Lei

10 de novembro: A Discriminação em contexto escolar

23 de novembro: O Papel dos Municípios no Apoio às Vítimas de Crime

Este evento surge no seguimento da exposição "O Virar da Página", patente na Biblioteca até 24 de novembro, que integra um conjunto de 20 fotografias e um vídeo que relatam experiências dramáticas de pessoas que sofreram crimes violentos. Da autoria de José Sarmento Matos em parceria com a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, o projeto tem por objetivo abordar a violência que mulheres e homens sofreram, e mostrar como é que lidam com os traumas do passado.

Recorde-se que a APAV possui um gabinete de apoio à vítima em Albufeira, que presta apoio emocional, jurídico, psicológico e social a vítima de crimes e seus familiares, com predominância a vítimas de violência (maus tratos, crimes sexuais e violência doméstica). Os serviços prestados são gratuitos e confidenciais.



..diariOnline

14:43 segunda-feira, 10 outubro 2016

Gosto 0

Partilhar

Tweet

Partilhar



SETÚBAL

PJ inaugura 'Espaço Vítima'

■ A PJ de Setúbal, em parceria com a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), criou uma sala especial, nas suas instalações, para melhor acolher as vítimas de crimes, especialmente crianças.

O novo 'Espaço Vítima' vai ser

inaugurado na quarta-feira. Está decorado de forma "tranquila e confortável" de forma a facilitar os testemunhos e diminuir o trauma das vítimas.

A inauguração terá a presença de responsáveis da PJ, APAV e da Comarca de Setúbal. ● S.A.V.

PJ inaugura espaço para recolha de provas de crimes sexuais

Nova sala em Setúbal pretende facilitar a recolha de provas testemunhais.

26.10.16

A Polícia Judiciária (PJ) de Setúbal inaugurou esta quinta-feira uma nova sala que pretende facilitar a recolha de prova testemunhal de vítimas de crimes violentos e de crimes sexuais, particularmente de crianças e jovens.

"Esta sala - 'Espaço Vítima' - resulta da preocupação e do interesse no combate a este tipo de criminalidade grave e violenta, da criminalidade sexual, e, em especial, da que diz respeito às crianças", disse à agência Lusa o diretor da PJ de Setúbal, Vítor Paiva.

"Perante a realidade e o melindre do crime, achei que devíamos ter as melhores condições possíveis, para podermos daí tirar proveito, nomeadamente ao nível aquisição, da recolha da prova e do sucesso das investigações", acrescentou.

O diretor da PJ de Setúbal referiu, também, que a criminalidade sexual, só em termos de abusos físicos (sem contabilizar a criminalidade virtual, como a exposição abusiva de fotografias e vídeos), representa "15 por cento do total das pendências do departamento da PJ de Setúbal".

Convicto de que o 'Espaço Vítima' "será uma mais-valia para a qualidade da prova e para o sucesso das investigações", Vítor Paiva mostrou disponibilidade para a utilização daquela sala pelos magistrados, designadamente para a recolha de depoimentos para memória futura, quando estão em causa crianças que são vítimas abusos sexuais.

O novo 'Espaço Vítima', inaugurado no mês em que se celebra o 71.º aniversário da Polícia Judiciária, foi concebido no âmbito de uma parceria com a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) e com o apoio da Escola de Polícia Judiciária, de acordo com as melhores práticas internacionais.

"Trata-se de uma sala pintada de verde, uma cor calma, e que segue as recomendações internacionais", disse Raquel Guerra, do Gabinete de Psicologia e Seleção da Escola de Polícia Judiciária, que destacou, também, a importância dos brinquedos e jogos disponíveis, para facilitar a disponibilidade das vítimas para falarem dos crimes que sofreram.

O gestor da Rede Care, uma rede de apoio a crianças e jovens vítimas de violência sexual da APAV, Bruno Brito, também considerou o novo espaço uma mais-valia e lembrou que há outras duas já em funcionamento, uma na Guarda e outra em Ponta Delgada, nos Açores.

Bruno Brito mostrou-se também confiante na possibilidade de instalação de espaços semelhantes noutros departamentos da Polícia Judiciária no território nacional.

INAUGURAÇÃO DE UM NOVO “ESPAÇO VÍTIMA” | PJ SETÚBAL

Quinta-feira, 27 Outubro 2016

P. Delgada  22°C 17°C

tv24

INÍCIO

NOTÍCIAS

VÍDEOS

FOTOS

DIRETO

GUIA TV

DIÁRIO

DOSSI

Últimas

Opinião

Sociedade

Política

Economia

Internacional

Desporto

Motores

Tecnologia

Música

Setúbal já tem espaço para recolha de provas de abusos sexuais

"Espaço Vítilma" foi concebido pela Polícia Judiciária em parceria com a Associação Portuguesa de Apoio à Vítilma

2016-10-26 15:34 Redação / STS

LEIA TAMBÉM



Pedófilo suspeito apanhado junto a escola de Coimbra

21 out, 15:37



Ministro já tem emprego para 400 médicos especialistas

20 out, 18:28

Assaltava as mulheres quando pagavam o estacionamento em espaços comerciais

20 out, 14:51

Setúbal: marido agride mulher no trabalho quase até à morte

20 out, 12:08



[Reuters]

A Polícia Judiciária (PJ) de Setúbal inaugurou esta quarta-feira uma nova sala que pretende facilitar a recolha de prova testemunhal de vítimas de crimes violentos e de crimes sexuais, particularmente de crianças e jovens.

“Esta sala - ‘Espaço Vítilma’ - resulta da preocupação e do interesse no combate a este tipo de criminalidade grave e violenta, da criminalidade sexual, e, em especial, da que diz respeito às crianças”, disse à agência Lusa o diretor da PJ de Setúbal, Vítilma Paiva.

“Perante a realidade e o melindre do crime, achei que devíamos ter as melhores condições possíveis, para podermos daí tirar proveito, nomeadamente ao nível aquisição, da recolha da prova e do sucesso das investigações”, acrescentou.



O diretor da PJ de Setúbal referiu, também, que a criminalidade sexual, só em termos de abusos físicos (sem contabilizar a criminalidade virtual, como a exposição abusiva de fotografias e vídeos), representa "15 por cento do total das pendências do departamento da PJ de Setúbal".

Convicto de que o "Espaço Vítima" "será uma mais-valia para a qualidade da prova e para o sucesso das investigações", Vítor Paiva mostrou disponibilidade para a utilização daquela sala pelos magistrados, designadamente para a recolha de depoimentos para memória futura, quando estão em causa crianças que são vítimas abusos sexuais.

O novo "Espaço Vítima", inaugurado no mês em que se celebra o 71.º aniversário da Polícia Judiciária, foi concebido no âmbito de uma parceria com a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) e com o apoio da Escola de Polícia Judiciária, de acordo com as melhores práticas internacionais.

“*Trata-se de uma sala pintada de verde, uma cor calma, e que segue as recomendações internacionais*”, disse Raquel Guerra, do Gabinete de Psicologia e Seleção da Escola de Polícia Judiciária, que destacou, também, a importância dos brinquedos e jogos disponíveis, para facilitar a disponibilidade das vítimas para falarem dos crimes que sofreram.



O gestor da Rede Care, uma rede de apoio a crianças e jovens vítimas de violência sexual da APAV, Bruno Brito, também considerou o novo espaço uma mais-valia e lembrou que há outras duas já em funcionamento, uma na Guarda e outra em Ponta Delgada, nos Açores.

Bruno Brito mostrou-se também confiante na possibilidade de instalação de espaços semelhantes noutros departamentos da Polícia Judiciária no território nacional.

TEMAS: [PJ](#) [SETÚBAL](#) [CRIMES SEXUAIS](#)

Seminário em Lisboa por cidades justas

Texto Juliana Batista | Foto Lusa | 17/09/2016 | 09:38



A APAV dinamiza na capital portuguesa um seminário para refletir sobre formas de acabar com todas as formas de violência

IMAGEM

A+ A- ENVIAR IMPRIMIR COMENTAR PARTILHAR

PORTUGAL ANTERIOR SEGUINTE

Tendo em vista o combate a «todas e quaisquer formas de discriminação e de intolerância» a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) organiza, no próximo dia 10 de outubro, o «Seminário (in)tolerância e discriminação: cidades justas e seguras para tod@s».

O colóquio terá lugar no auditório do Centro de Informação Urbana de Lisboa, a partir das 10h00. Até às 16h30, o seminário será uma oportunidade para dar respostas a questões como – «Quais são as melhores práticas (...) para a prevenção e combate à violência motivada pelo racismo e todas as formas de intolerância? Quais os direitos e serviços de apoio disponíveis para aqueles/as que foram vítimas de violência motivada pelo racismo ou pelo discurso de ódio?»

Entre os oradores estão Catarina Marcelino, Secretária de Estado para a Cidadania e a Igualdade, João Lázaro, presidente da APAV, Luísa Malhó, do Alto Comissariado para as Migrações, Ojeaku Nwabuzo, investigador sénior na Rede Europeia Antirracismo, Sérgio Aires, da Rede Europeia Anti-Pobreza e Elizabete Brasil, da União de Mulheres Alternativa e Resposta.

O seminário decorre no âmbito da parceria com o European Forum for Urban Security (EFUS) para o desenvolvimento do projeto «Just and Safe Cities for All: local actions to prevent and combat racism and all forms of intolerance», que tem como objetivo sensibilizar e informar as comunidades locais sobre o problema da violência motivada pelo racismo e todas as formas de intolerância. As [inscrições](#) podem ser feitas online.



Seminário (In)tolerância e Discriminação: Cidades Justas e Seguras para Tod@s.



SEMINÁRIO (IN)TOLERÂNCIA E DISCRIMINAÇÃO

CIDADES JUSTAS E SEGURAS PARA TOD@S

LISBOA | 10 OUTUBRO

PROMOÇÃO



European
Forum for
Urban
Security



ORGANIZAÇÃO



APOIO



APAV promove o Seminário (In)tolerância e Discriminação: Cidades Justas e Seguras para Tod@s.

O evento terá lugar no dia 10 de Outubro no Auditório do Centro de Informação Urbana de Lisboa.

<http://www.apav.pt/seminariointolerancia/>

25 de Outubro, Marketeer:

MARKETEER

↑ NOTÍCIAS EDIÇÃO IMPRESSA EVENTOS PRÉMIOS MKT NA TV PLEASURES CONSELHO

» » » "A Origem do Alvarinho" é a nova campanha de promoção das sub-regiões de Monção e Melgaço

Mais dois finalistas portugueses no El Ojo

🕒 25/10/2016 📁 Notícias 💬 0



Portugal soma e segue no número de trabalhos finalistas no El Ojo de Iberoamérica. Depois de já ter sido nomeada na categoria "Cine/TV", a campanha "Welcome" da Fuel para o festival Queer integra mais uma lista de finalistas. Desta vez, o trabalho português concorre na sub-categoria referente a "Melhor Realização" em "Produção Audiovisual".

O segundo finalista anunciado agora é "The First Life Gif in the World" da Nossa para a Somersby. A campanha está nomeada em "Promo & Activação", na sub-categoria "Lançamento".

Recorde-se que também a campanha "Home" da FCB Lisboa para a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) é finalista em "Correio Directo" da categoria "Directo".

Retirado de:

<http://marketeer.pt/2016/10/25/mais-dois-finalistas-portugueses-no-el-ojo/>



FESTIVAL SOLIDÁRIO PORTUGAL MUSIC FEST

O combate à violência doméstica e a prevenção do cancro da mama são dois dos objetivos do Portugal Music Fest, festival solidário que o cantor brasileiro radicado em Portugal Márcio Conforti promove a 29 de outubro, na Exponor, e que tem como cabeças de cartaz David Carreira e Katia Aveiro. O evento, cuja receita servirá para apoiar a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima e o Castelo, a primeira unidade de cuidados continuados paliativos e pediátricos na Península Ibérica, tem início pelas 09h00 do dia

29 e só termina já de madrugada. Esta iniciativa tem como embaixadora a atriz e ex-modelo Susana Werner, casada com o guarda-redes do Benfica Júlio César e celebrizada por várias telenovelas que passaram nas televisões nacionais.





Portugal Music Fest na Exponor

● David Carreira, Ricardo Carriço, Kátia Aveiro, Nelson Ritchie, Susana Werner e Márcio Conforti estarão este sábado na Exponor para participar no Portugal Music Fest e apoiar financeiramente, com parte da receita, a APAV (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima) e o Kastelo, a primeira Unidade de Cuidados Continuados Paliativos e Pediátricos na Península Ibérica.

18 de Outubro, Bodyspace:



ÚLTIMAS	DISCOS	ENTREVISTAS	VIDEOTECA	AO VIVO	ARTIGOS
MIXTAPES	CANÇÕES	RETRO MANÍA	ETC.		

ÚLTIMAS

ANDRÉ SANTOS NA APAV

· 18 OUT 2016 · 23:45 ·



© Márcia Lessa

O guitarrista madeirense André Santos irá actuar no Espaço APAV & Cultura (Lisboa, Rua José Estêvão) no próximo dia 27 de Outubro, pelas 19h30, num concerto de entrada livre - como tem, aliás, sido habitual no espaço.

Consigo estarão os temas de *Vitamina D*, disco editado este ano que conta também com a presença de Tristan Renfrow (bateria, harmónica e *glockenspiel*) e Matt Adomeit (contrabaixo). Podem escutar o disco aqui em baixo.

Retirado de:

<http://bodyspace.net/ultimas/7579-andre-santos-na-apav/>



FÁTIMA LOPES visitou Casa de Abrigo

SOLIDÁRIA com vítimas

A APRESENTADORA DA TVI ESTEVE COM MULHERES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA. Uma experiência que a levou a dizer que se sente uma mulher com “uma sorte extraordinária”.

FÁTIMA Lopes é uma mulher de causas, e há muitas ações privadas que nunca chegam ao conhecimento público. O amigo Manuel Luís Goucha quis dar a conhecer um pouco mais deste lado desconhecido da apresentadora do programa *A Tarde É Sua*, da TVI, e revelou, durante a apresentação do novo projeto da profissional (ver caixa), que Fátima Lopes foi visitar a Casa de Abrigo da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV).

“Quis ir porque sou uma pessoa que é incapaz de ficar indiferente aos outros”, diz Fátima Lopes, informando de seguida: “Aquilo que vi só confirmou aquilo que eu sabia, e já achava, das mulheres vítimas de violência doméstica. Fui eu que as quis visitar. Uma coisa é ouvir o relato. Outra coisa é estar dentro de uma casa. Ver a dinâmica de uma casa onde só vivem mulheres com os seus filhos. E vou dizer que foi das experiências que mais me marcaram na vida”, explica Fátima Lopes.

E continua o relato: “Fui a uma sex-

ta-feira. Jantei com elas e fui visitar o quarto de cada uma com os seus filhos. Fizemos um serão ali a conversar. Eu levei livros para as mães. Levei o meu último livro, porque acho que efetivamente as ajuda muito, porque é um livro muito positivo, e depois levei livros individualizados para cada uma das crianças. Quando chegou a hora dos meninos irem para a cama, foram dormir, e eu fiquei com as mães a conversar até tarde.”

A finalizar, Fátima Lopes revelou os sentimentos que teve ao sair da Casa de Abrigo. “Como saí de lá? A sentir que tenho uma sorte extraordinária. Tenho um casamento feliz, tenho filhos que podem estar comigo, posso viver em liberdade e não tenho de andar fugida de ninguém. Elas não vivem; sobrevivem. E têm um fantasma permanente, que se chama passado. Eu sou uma mulher de fé. Sai de lá a olhar para o céu, e a dizer obrigada.”

Textos: Emanuel Rodrigues; Fotos: Paula Alvares

SENHORA PROFESSORA

FÁTIMA LOPES passou a marcar presença na Internet com uma plataforma digital dedicada à saúde, o *Simply Flow*. “Este projeto não me vai roubar tempo nenhum. Isto são tudo coisas que eu já fazia, mas não comunicava. Por exemplo, eu já fazia caminhadas, mas não comunicava. Agora, quando for fazer uma caminhada, faço um vídeo a explicar”, adianta. A apresentadora também criou dentro desta plataforma a Academia Fátima Lopes, direcionada para cursos de marketing e comunicação, para satisfazer uma necessidade de várias pessoas, que lhe pedem informações sobre esta área.



FÁTIMA LOPES
diz que é
“incapaz de ficar
indiferente aos
outros”